

ECO CIDADE

A CIDADE PRECISA DE AGROECOLOGIA

A CIDADE
PRESS

A Cidade Precisa de Você

acidadeprecisa.org
facebook.com/acidadeprecisadevoce
instagram.com/acidadeprecisadevoce
youtube.com/acidadeprecisadevoce

Contato

contato@acidadeprecisa.org

ECOCIDADE - A Cidade Precisa de Agroecologia

publicação

Conteúdo: Fabíola Bergamo, Karen Martini, Laura Sobral, Marcella Arruda, Thaline Nunes Rocha e Beatriz Justo

Organização: Marcella Arruda

Revisão: Marcos Mauro Rodrigues

Design gráfico e diagramação: Icaro Chagas

Mapas: Thaline Nunes Rocha

projeto ECOCIDADE A Cidade Precisa de Agroecologia

Equipe: Laura Sobral, Marcella Arruda, Fabíola Bergamo, Julieta Regazzoni, Heloísa Sobral, Karen Martini, Thaline Nunes Rocha, Bruno Borges, Icaro Chagas, Monyque Marinseck, José Vieira de Aquino

A CIDADE
PRECISA
DE VOCÊ

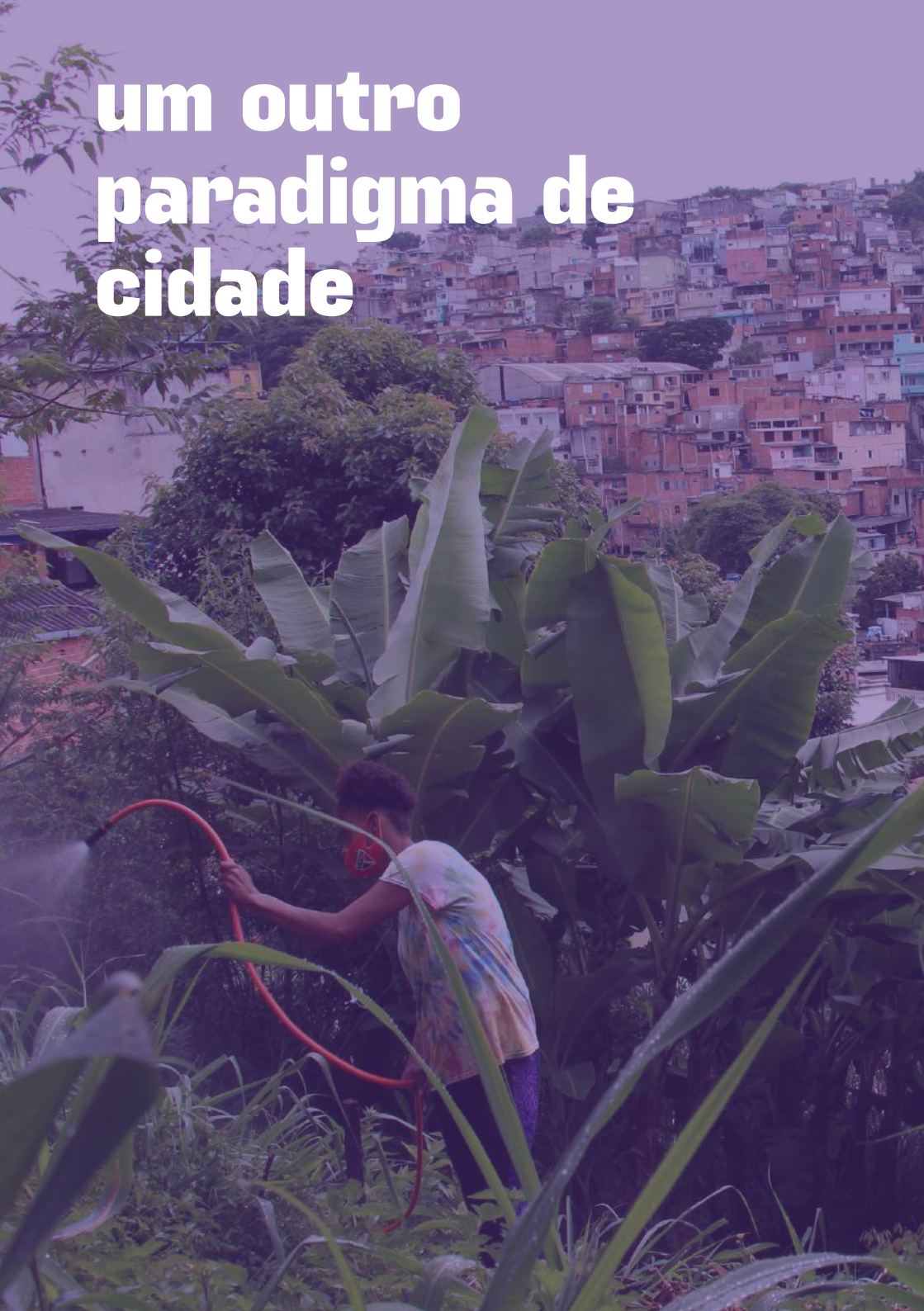
ECO 
CIDADE
A CIDADE PRECISA DE AGROECOLOGIA

índice

um outro paradigma de cidade	6
ECOCIDADE - A cidade precisa de agroecologia	15
> conversa com Tatjana Lorenz	18
o lugar	22
> conversa com Fernando de Mello Franco	38
programas do ECOCIDADE	43
> conversa com Mike Oliveira	46
ponto de cultura alimentar	54
hortas urbanas	61
bike entrega	72
curso comida justiça cooperação	81
plataforma digital	88
> conversa com Renato Cymbalista	96
A Cidade Precisa de Agroecologia – impacto e potências	102
panorama da análise	104
> conversa com Carolina Guimarães	112
ECOCIDADE em números	114
alcance dos objetivos	115
> conversa com André Biazoti	120

construindo um território de cultura alimentar	126
> conversa com Walter Figueiredo	132
brasilândia circular – uma proposta de desenvolvimento local sustentável e integrado	136
> conversa com Nathalie Badaoui	140
cronologia - a atuação do Instituto A Cidade Precisa de Você na Brasilândia	144
> conversa com Manuela Colombo	148
a cidade que queremos	152
agradecimentos e ficha técnica	154

um outro paradigma de cidade





Quais pontos podem acionar o ciclo do alimento no território?

Por onde passam os fluxos dos recursos do sistema alimentar na cidade?

Quais plataformas facilitam a conexão dessas iniciativas?

Afinal, como podemos fomentar o acesso a uma cultura alimentar saudável, aliada à geração de renda local?



um outro paradigma de cidade

Nós, do **A Cidade Precisa de Você**, acreditamos na importância dos espaços públicos para o desenvolvimento urbano sustentável. Apesar das cidades ocuparem menos de **2%** da superfície terrestre¹, elas representam **75%** do consumo dos recursos naturais e metade dos resíduos gerados no mundo. No entanto, podem ser consideradas como plataformas de grande potencial criativo e inovador, sendo motores de transformação social para um paradigma mais regenerativo. A reconfiguração das infraestruturas urbanas pode mudar o fluxo dos recursos dentro das cidades — seu uso, consumo e descarte (ou reúso) — construindo uma cidade mais circular.

O que pautamos com o projeto **ECOCIDADE – A Cidade Precisa de Agroecologia**, é seguir os fluxos do ciclo do alimento, reconhecendo que este pode ser uma porta de entrada para a ativação de espaços públicos e aumento da resiliência de uma comunidade.

A comida é um meio acessível de fazer parte da vida pública e da sociedade — qualquer pessoa tem potencial para ser agricultora, vendedora, cozinheira, composteira — e, se não isso, ter uma árvore frutífera no quintal ou na praça na frente de casa. Todos podem oferecer, e precisam consumir, comida na cidade.

A necessidade de transformar esta realidade, mirando a justiça socioespacial e climática, é urgente. O presente contexto pede respostas que trabalhem de forma interescalar e com o engajamento de comunidades para maior autonomia na proposição de outros modelos para seus próprios territórios. Para isso, a articulação entre os atores urbanos — dentre eles, a sociedade organizada e a não organizada, o poder público, a academia e o setor

1 Relatório do International Resource Panel (IRP) City-level Decoupling: Urban Resource Flows and Governance of Infrastructure Transitions, 2013.



privado — é fundamental na construção de soluções entrecruzando clima, regeneração e inclusão, de forma a gerar benefícios para toda a cidade e a sociedade. Buscamos, com o **ECOCIDADE**, experimentar caminhos para uma transição justa, através de um mosaico de propostas articuladas em um sistema local de descarbonização. Nossa ambição é que possamos, juntos, construir políticas públicas que absorvam os modelos e conceitos pautados, como o uso de áreas livres ou subutilizadas para incentivo a hortas urbanas — tanto ao plantio como à compostagem local —, a destinação correta dos resíduos, a criação ou fortalecimento de instâncias de participação e gestão compartilhada do bairro, além da proteção e criação de polos de educação ambiental e geração de empregos verdes na zona de amortecimento da floresta, fazendo a conexão entre espaços públicos, educativos e comunitários que se proponham a usos agroecológicos. Assim, as iniciativas poderiam se articular em um ecossistema, instaurando uma economia circular que possa apoiar o desenvolvimento local sustentável.

um outro paradigma de cidade

Em São Paulo, a condição periférica, na maioria das vezes, está relacionada aos desafios do contexto periurbano: a mancha urbana vai de encontro às grandes áreas remanescentes da Mata Atlântica e mananciais. O espraiamento da cidade se forma com áreas densas e vulneráveis, marcadas pela presença de assentamentos precários — que estão mais facilmente sujeitos aos impactos do colapso climático, como enchentes, deslizamentos, falta d'água, carência de alimento fresco e saudável.

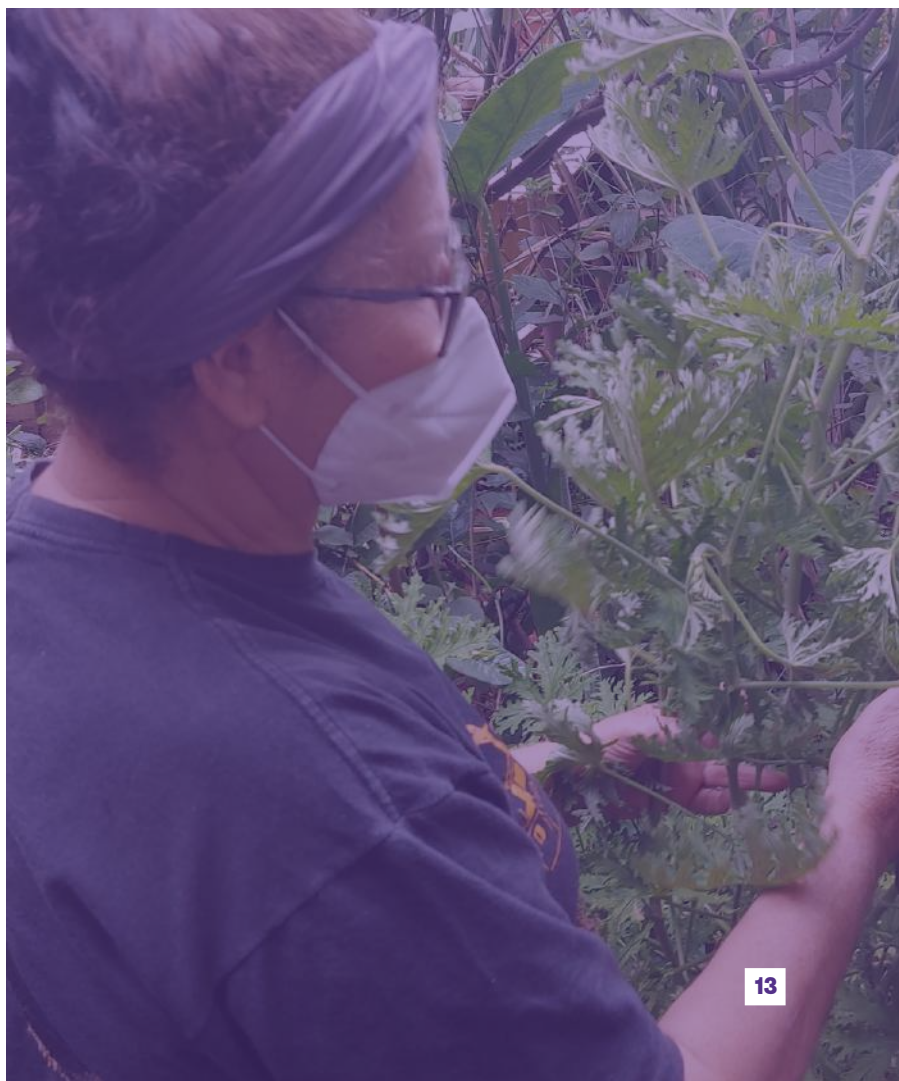
No entanto, acreditamos que a condição periurbana pode se tornar um espaço de mitigação das vulnerabilidades e manejo sustentável dos recursos, dada a sua vocação ambiental — contribuindo com a cidade e com a sociedade através das trocas de saberes e técnicas, apoiando o cuidado com as águas, produzindo energia a partir de matrizes limpas, nutrindo o solo, alimentando as pessoas. Um outro paradigma de desenvolvimento urbano, que resgata formas de autonomia e interdependência, baseado em relações que entrelaçam Natureza e Cultura.

Muitos dos habitantes das metrópoles brasileiras — e porque não dizer, latino-americanas — são migrantes, que trazem com eles um imaginário de outra forma de habitar, além de memórias afetivas de uma relação de envolvimento com a terra. Algumas destas pessoas, ao migrar, organizam iniciativas familiares e comunitárias que enfrentam o colapso climático de forma local e situada, que, na sua territorialidade, propõem um outro modo de vida. É preciso reconhecer seus saberes e fazeres, além de abrir espaço para tais práticas — sendo, muitas vezes, práticas de cuidado, dos indivíduos e do coletivo, sustentadas por mulheres. Mulheres que se ocupam do cuidado de tudo que é vivo, que se preocupam com a gestão daquilo que é comum.

É frequente a tendência que responde a problemas de grande escala com soluções que se pretendem totalizantes. No entanto, no trabalho do A Cidade Precisa de Você, nos propomos a investigar práticas capilarizadas, dando apoio ao ecossistema local e valorizando o território, enfrentando a necessidade de distribuição dos recursos na cidade, geração de renda e autonomia. Uma ação neste sentido é emergencial, assim como uma transição justa, baseada na construção de capacidade comunitária e no protagonismo das iniciativas locais conectadas em uma proposta distribuída, mas integrada, de soluções comuns.

Marcella Arruda

Co-idealizadora e coordenadora geral do projeto
ECOCIDADE – A Cidade Precisa de Agroecologia



ECOCIDADE

A Cidade Precisa de Agroecologia

ECOCIDADE – A Cidade Precisa de Agroecologia é um projeto que foca na transição agroecológica em áreas (peri)urbanas e vulneráveis. Na Brasilândia, área ao Norte da cidade de São Paulo, o projeto propôs a circularidade do sistema alimentar em um nível local – da produção, distribuição e compostagem de alimentos orgânicos, a partir de espaços e equipamentos públicos e comunitários.

Durante os meses de junho de 2021, até maio de 2022, o projeto apoiou iniciativas que trabalham em todo o ciclo do alimento na escala local, propondo estratégias que contribuam para a justiça climática e socioespacial através da criação de estruturas e redes que fomentem o desenvolvimento sustentável. Buscamos fortalecer a capacidade da comunidade por meio da articulação de uma rede de moradores com interesse ou envolvimento em iniciativas agroecológicas, a fim de construir um sistema alimentar circular e regenerativo, com soberania e justiça alimentar.

A estratégia do projeto baseou-se na prototipação e no apoio a iniciativas de impacto socioambiental ligados ao sistema alimentar; na construção de intervenções de melhoria de infraestrutura verde e azul em espaços públicos e comunitários; e no fortalecimento da capacidade comunitária e atuação em rede para criação de soluções para a resiliência urbana. A meta foi fortalecer os produtores de alimentos saudáveis, as cozinheiras, os entregadores

e composteiros locais, influenciando todos os pontos do sistema alimentar, apoiando, assim, o estabelecimento de uma economia solidária e circular.

Desta forma, foi possível ensaiar localmente um outro modelo econômico do sistema alimentar, através do oferecimento de cursos e capacitações, assessoria técnica, construção de infraestruturas sustentáveis, organização de um sistema de entrega de alimentos e coleta de resíduos, o estabelecimento de um ponto de sensibilização e consumo, além de uma plataforma digital para facilitar a comunicação e articulação entre os colaboradores atuantes neste ecossistema.

Tal ecossistema está distribuído em diversos espaços no território, ajudando, assim, a capilarizar a iniciativa e construir coletivamente um território de cultura alimentar saudável e sustentável, diretamente conectado a redes sociais que permeiam centros comunitários, equipamentos públicos, escolas, centros de saúde, espaços públicos como praças e parques, além de quintais produtivos. Tais espaços promovem atividades econômicas de produção do alimento (hortas), consumo do alimento (pontos de cultura alimentar, com feiras livres de alimentos frescos, organização de grupos de consumo responsável e restaurantes com venda de “quentinhas”, além da promoção de atividades pedagógicas e destinação dos resíduos (compostagem e reciclagem).

O espaço público passa, assim, a operar como um catalisador da transição justa, tornando-se uma plataforma para ativar relações de vizinhança mais ecológicas, autônomas e regenerativas, transformando o bairro a partir da cidadania ativa e trazendo, assim, a perspectiva da circularidade e da localidade para o planejamento e gestão urbanos.

Uma plataforma digital foi proposta para apoiar o estabelecimento de uma rede entre os vizinhos e a articulação entre ofertas e demandas do território, fomentando a troca de insumos e serviços entre os espaços, enquanto a logística de um coletivo de cicloentrega conecta-os geograficamente. A intenção é que este ecossistema de troca estruture uma economia híbrida, sustentada por interesses produtivos, comerciais, mas também solidários. Através dele, obtém-se diversos benefícios para a comunidade: segurança alimentar; capacidade de resiliência; redes de solidariedade; acesso a recursos por parte de integrantes mais vulneráveis da comunidade; aprendizado intergeracional; geração de renda com empregos verdes; e a criação de novos mercados a partir de recursos antes vistos como meros resíduos.

A articulação em rede de iniciativas ecológicas atua de forma autônoma, porém interdependente, oferecendo insumos para a criação de um planejamento urbano integrado e intersetorial.



> **conversa**

com **Tatjana Lorenz**

Permacultora, programadora cultural do **Goethe-Institut SP** e conselheira do **ECOCIDADE**.

O que tem a ver a agroecologia urbana com uma mudança de cultura em relação à alimentação, hoje em dia?

A agroecologia é fundamental nos dias de hoje e contribui para a conservação ambiental. Seja ela uma prática orgânica ou biodinâmica, ou permacultural. O fator mais importante é que não se faça uso de substâncias químicas. Temos que pensar que, muitas vezes sem querer, estamos consumindo venenos na nossa alimentação — até a água que tomamos está contaminada. Então, é muito importante a gente ter essa consciência de onde está vindo o nosso alimento. E vai muito além disso — até saber onde está sendo produzido o nosso alimento, quem está produzindo o nosso alimento. Porque também não faz sentido ele vir de muito longe, se você tem um cinturão verde em volta de São Paulo. Por exemplo: por que meu alimento viria de outro Estado se eu tenho, ali, toda uma rede de apoio, de agricultores e pequenos agricultores fornecendo a essa cadeia?

A gente é o que a gente come. Então, é preciso pensar se a gente está se alimentando de coisas boas, coisas saudáveis, e não temos que sempre recorrer à uma farmácia. Alimentação, na verdade, é um fator de saúde. E é muito importante a gente saber que há esses agricultores próximos da cidade, também para diminuir os nossos impactos negativos no meio ambiente, que vêm

de características da distribuição de alimentos — hoje, por exemplo, São Paulo é um grande gargalo que a gente tem dentro da agricultura, pelas grandes distâncias que precisam ser percorridas... Então, levando em conta isto, saúde, impactos no meio ambiente, pensar e praticar agroecologia nas cidades é muito importante.

Qual a sua opinião sobre a importância de se implementar projetos de agroecologia urbana no contexto atual, mesmo que em escala menor, pensando em sua replicabilidade e escalabilidade?

Sempre é bom destacar que a prática agroecológica no contexto urbano contribui para a preservação do meio ambiente. Através destes projetos, podemos regenerar áreas ociosas, por exemplo, e criar pequenos “oásis” na cidade. A proximidade das pessoas com estes projetos ajuda na conscientização de práticas harmoniosas, sem a utilização de defensivos químicos; o uso de podas como coberturas verdes; a rotação de culturas; a prática da compostagem urbana; a produção das próprias mudas e sementes. Tem muito a ver com a sensibilização das pessoas — o reconhecimento de como é importante elas comerem bem com produtos que não têm defensivos, produzidos por pequenos agricultores, e não numa macroescala. Temos que imaginar esse cenário futuro de haver só a agricultura familiar realmente alimentando a população de São Paulo, por exemplo. Comida de verdade no prato das pessoas. E eu acho que é muito importante esse diálogo com o território periférico, que tem muito potencial — todos só têm a ganhar. Penso ser importante a gente incentivar essas iniciativas nos espaços urbanos, e também aprender muito com essas experiências, e replicar elas mais e mais.





Quais desafios você vê nesse contexto?

Acho relevante falar sobre a importância de fechar os ciclos. Eu acho que isso é um grande desafio que temos numa cidade como São Paulo. Por exemplo, da gente começar a fazer compostagem, mesmo que em pequena escala, dentro das casas das pessoas, para reduzir o impacto do que é descartado — diminuir a quantidade de resíduos que iriam para os aterros sanitários e reaproveitar estes insumos. Você estabelece uma outra relação com a comida, com o resíduo; acaba criando o solo dentro da sua casa. E que riqueza que é isso! Você pode iniciar o plantio de temperos na sua casa — isto muda muito a sua relação com o alimento. Aí, você verdadeiramente valoriza o trabalho do pequeno agricultor, o quanto demora a germinação de uma sementinha até que ela se torne uma alface ou um brócolis... É incrível acompanhar este processo, e não é uma coisa fácil — é, realmente, um trabalho que exige dedicação. Então, acho que isso ajuda muito, de você se colocar no papel da outra pessoa que está ali, produzindo alimento, e ver realmente todo o trabalho que está por trás. Um desafio maior ainda é reconhecer o trabalho dos agricultores para que nós possamos comer todos os dias, e fechar ciclos na nossa vida cotidiana em relação a isto pode ajudar.

o lugar

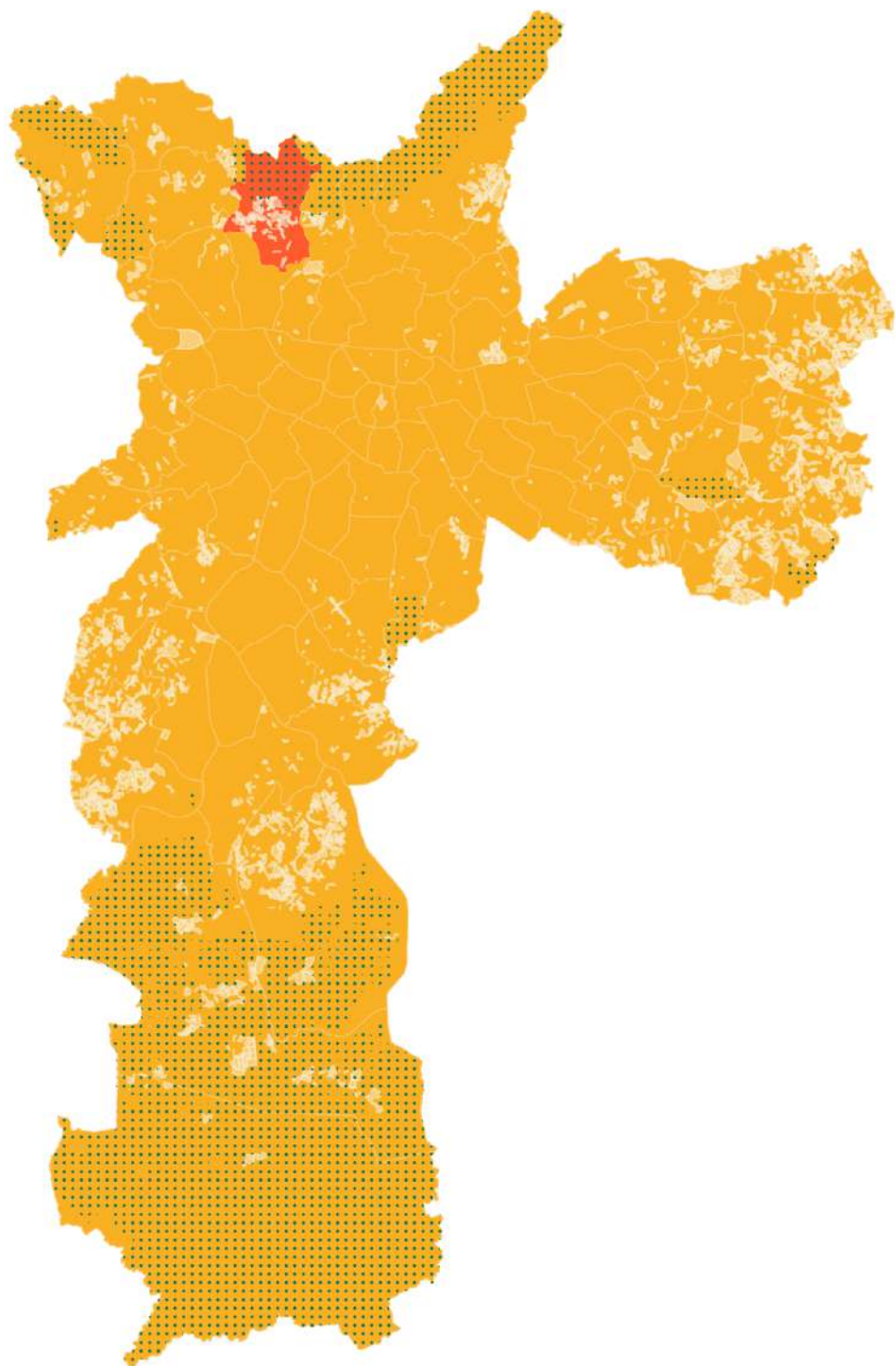
Localizado na Zona Noroeste da cidade de São Paulo, o distrito da Brasilândia caracteriza-se como uma área periurbana, articuladora entre o espaço urbano e o rural. Enquanto metade do distrito é marcado pela presença da Área de Preservação Ambiental da Serra da Cantareira e por iniciativas de agricultura produtiva de pequeno porte, a outra metade é composta por assentamentos precários e altos índices de vulnerabilidade social, sendo o segundo distrito com a maior proporção de domicílios em favelas (29,6%), o quinto com menor taxa de empregos formais (0,47%) e o oitavo com a menor renda familiar mensal (R\$ 2.866,37, em comparação com a média da cidade, de R\$ 4.817,33). A expectativa de vida neste distrito é 8,6 anos menor do que a média da cidade.

legenda

-  Distritos de São Paulo
-  Distrito da Brasilândia
-  Zona Rural (Lei nº 16.050/2014)
-  Índice Paulista de Vulnerabilidade Social - alto e muito alto

base: PMSP. Mapa Digital de São Paulo, 2017.
datum - SIRGAS 2000 UTM 23/s



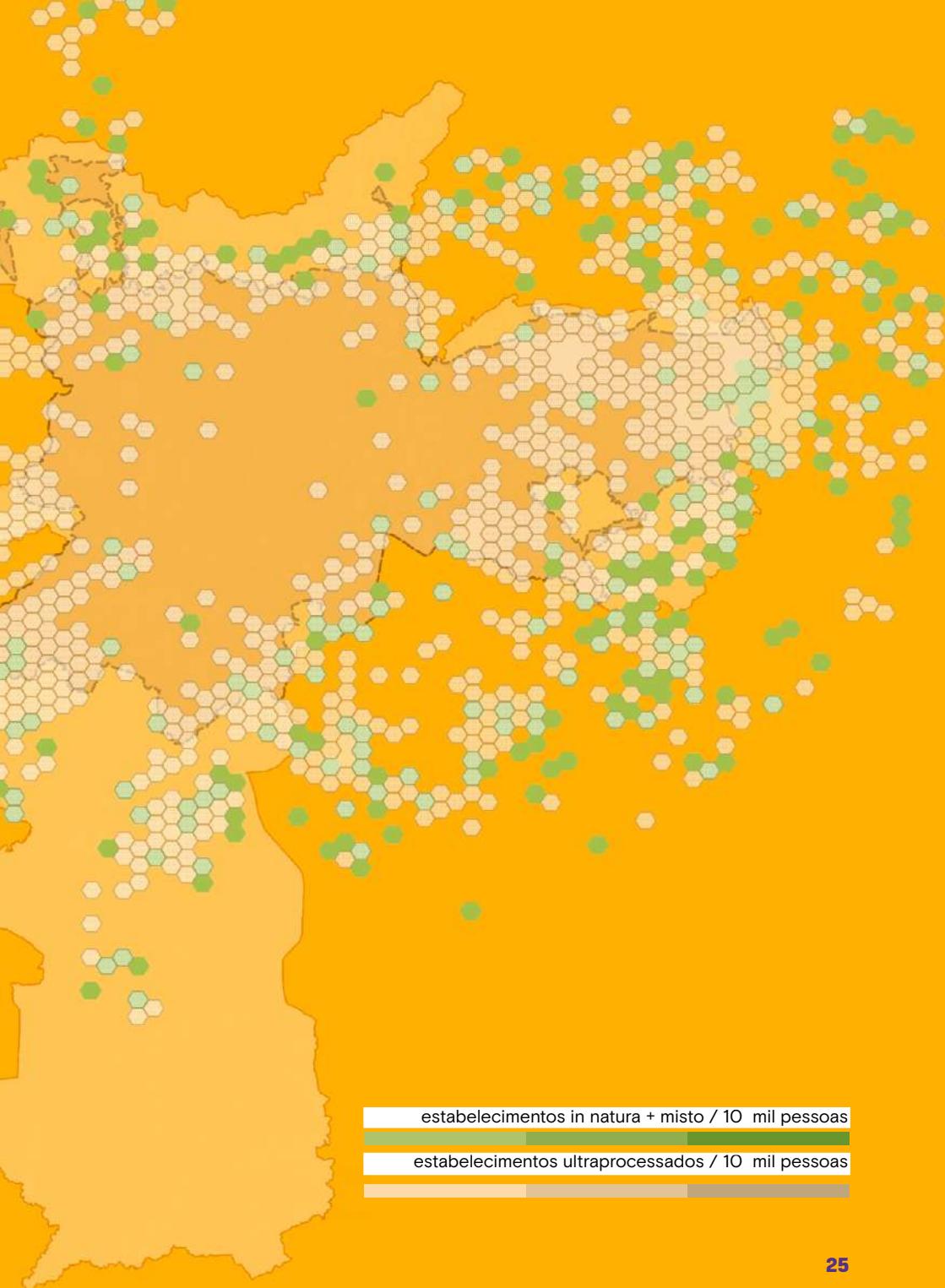


desertos alimentares



Ainda que a Brasilândia possua seu caráter rural, o acesso a alimentos *in natura* ou processados é escasso, se comparado às áreas centrais, podendo ser denominada como um “deserto alimentar”. Para entender melhor este cenário, observe o mapa abaixo, com dados sobre a produção, processamento, distribuição e consumo de produtos do sistema alimentar da região metropolitana de São Paulo².

2 Mais perto do que se imagina: os desafios da produção de alimentos na Metrópole de São Paulo, 2020, por [Instituto Escolhas](#).



cadeia produtiva

Para entender o porquê deste cenário precisamos mapear a cadeia produtiva, ou o ciclo do alimento, existente na região, que é caracterizado por cadeias longas de produção — ou seja, alimentos vindos do agronegócio são transportados por grandes distâncias, chegando em centros de distribuição (mercados de atacado e supermercados) até os consumidores finais que, no caso da Brasilândia, estão localizados principalmente em vias estruturais adjacentes ao distrito.

É muito comum que mais uma etapa esteja presente nesta cadeia — o pequeno comerciante que se abastece e comercializa os alimentos nos bairros, lugares mais vulneráveis e de mais difícil acesso. Na Brasilândia, há um baixo índice de estabelecimentos que vendem produtos *in natura* (menor que 10 por mil habitantes). Nestas áreas, é registrado um alto grau de insegurança alimentar, aumentado pela pandemia de COVID19. A região concentra, ao menos, trinta supermercados, mercados locais, pequenas mercearias e dois sacolões. Outro ponto importante é a presença de cerca de 26 feiras livres no território, que também compõem uma cadeia longa de produção, mesmo que a maior parte dos produtos comercializados seja *in natura*.

Soma-se a isto o fato de que a região sofre com a falta de coleta seletiva, descarte irregular e pontos viciados de lixo. Os resíduos orgânicos possuem potencial em iniciativas de compostagem, mas a grande maioria é levada ao aterro comum. O pátio de compostagem municipal mais próximo da Brasilândia está localizado na Lapa e recebe os insumos orgânicos vindos das feiras livres da região.



produtores rurais



aterro sanitários



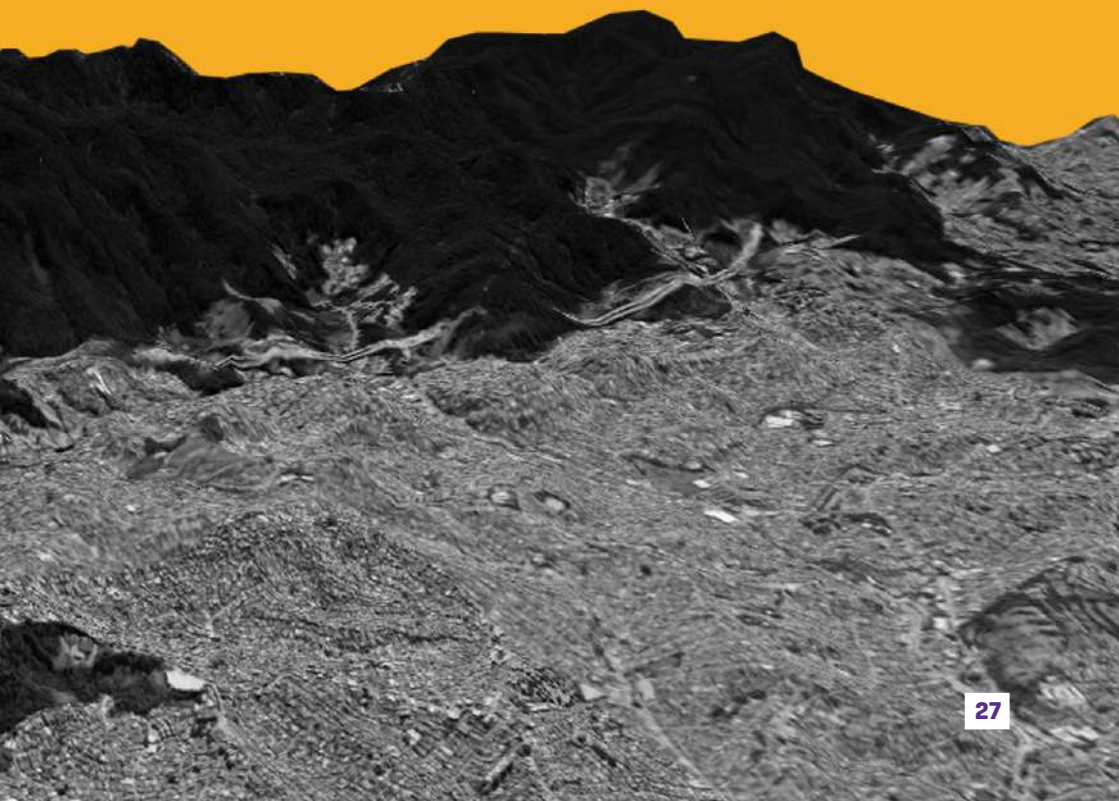
centros de distribuição



mercado



consumidores



mapeamento de atores para uma cidade mais agroecológica

Na Brasilândia, há um grande nível de engajamento comunitário de forma capilarizada pelo território, o que é essencial para a consolidação de um sistema circular cooperativo. Há diversos coletivos culturais e iniciativas de solidariedade, que criam uma rede articulada, representada pelo mapa abaixo. O primeiro passo do diagnóstico do projeto foi o mapeamento destes diferentes atores e iniciativas, culminando na escolha do **Espaço Cultural Jardim Damasceno** (ECJD) como ponto focal do projeto — a sede do Ponto de Cultura Alimentar — articulado a iniciativas do entorno como forma de estimular um território de cultura alimentar.



espaços de produção



espaços de produção

Em um raio de 5 km do ECJD estão localizadas 16 hortas urbanas:

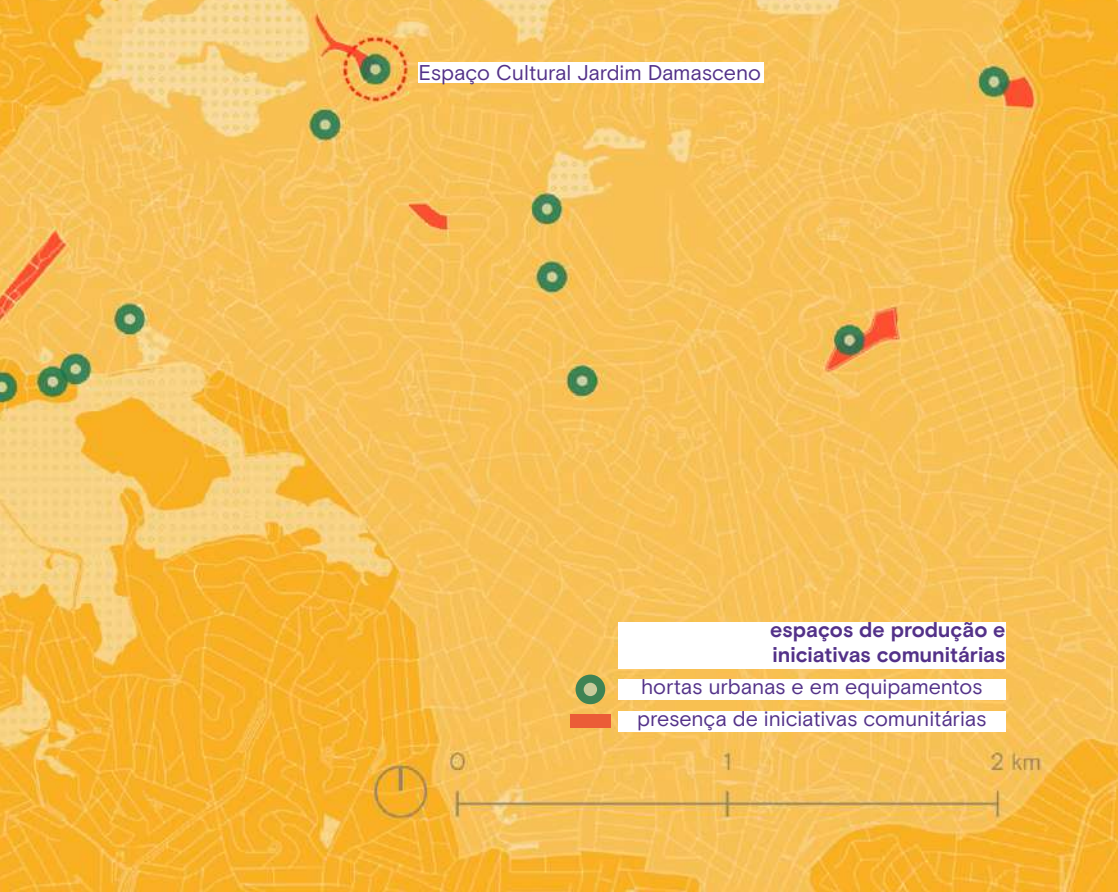
- **4 hortas pedagógicas em equipamentos públicos:** Praça Sambaqui; UBS Jardim Guarani; CEU Jardim Paulistano; UBS Jardim Paulistano.

- **4 hortas urbanas em espaços ociosos:** Saberes Ambientais - Linhão ENEL; Projeto Terralma; Praça Sete Jovens; Espaço Cultural Jd. Damasceno.

- **5 hortas escolares (públicas):** EMEF Prof. Lilian Maso; CEI Fé e Alegria; EMEI Fernando de Azevedo; Escola Estadual Prof. Crispim de Oliveira; EMEF Padre Leonel Franca.

- **2 hortas em terreno privados:** Cantinho da Serra; Quilombo da Parada.

- **1 horta em espaço público:** Praça Marielle.



perímetro do projeto

A Brasilândia é um distrito denso e abrangente. Para atuar neste território, foi delimitado um recorte geográfico, a partir das relações estabelecidas com diferentes iniciativas locais, resultando em três zonas de *buffer* com escalas crescentes:

- o perímetro de 15 minutos a pé (1 km) dos parceiros mapeados, prevendo a participação e engajamento da população do entorno nas atividades decorrentes;

- o perímetro de 15 minutos de bicicleta (5 km), partindo do ponto de cultura alimentar definido — o Espaço Cultural Jardim Damasceno — pensando na logística de entrega;

- o perímetro de 7 km, partindo do ponto de cultura alimentar definido, tendo em vista as articulações que poderiam acontecer em uma escala ampliada.

perímetro local ECOCIDADE



hortas urbanas e em equipamentos



raio de 15 minutos caminhando



Espaço Cultural Jardim Damasceno

UBS Jardim Paulistano

UBS Jardim Guarani



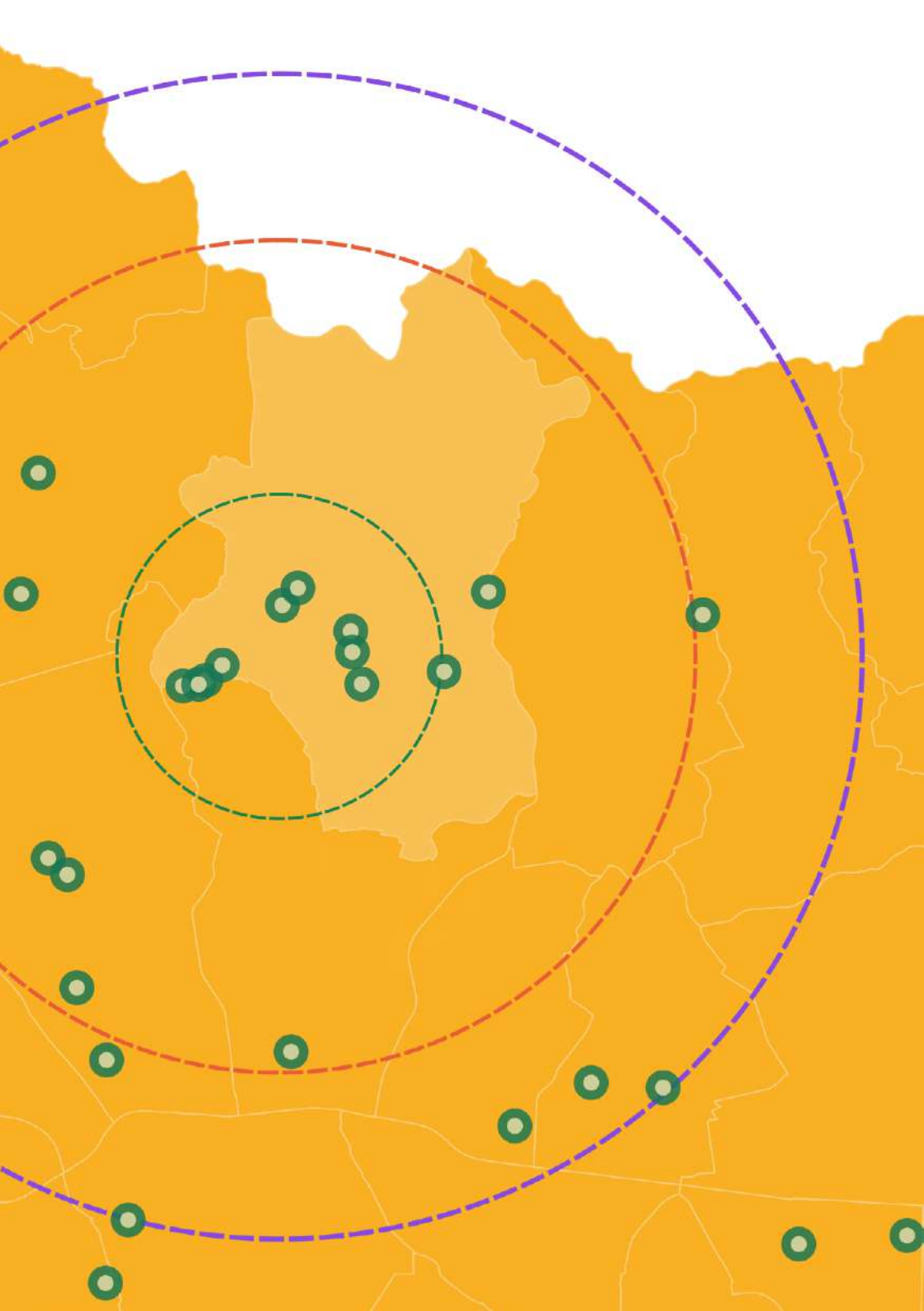
perímetros ECOCIDADE

 perímetro de 15 minutos a pé - 1 km

 perímetro de 5 km

 perímetro de 7 km





contexto inicial

A partir do diagnóstico baseado nas análises dos indicadores acima, o mapeamento de iniciativas locais e entrevistas com diferentes grupos focais, foram definidas colaborativamente as principais potencialidades a serem fomentadas pelo projeto, assim como os principais desafios a serem enfrentados.

potencialidades

- o território possui iniciativas agroecológicas de diferentes perfis, demonstrando o interesse da população no tema.
- sete destas iniciativas já são reconhecidas pela plataforma municipal Sampa+Rural, que mapeia as atividades rurais em São Paulo.
- existem espaços comunitários e áreas livres com potencial para produção agroecológica.
- as iniciativas possuem boa relação com setores públicos, como, por exemplo, o uso de seus espaços, aliado ao programa municipal Farmácia Viva ou ao Programa Operação Trabalho.

desafios

– a região enfrenta um problema crescente de desemprego, intensificando a necessidade de projetos que fomentem a geração de renda.

– muitas destas iniciativas agroecológicas encontram-se em situação fundiária irregular.

– as iniciativas agroecológicas não interagem entre si, demonstrando falta de conexão entre elas.

– dada a densidade populacional da região da Brasilândia, a demanda atual de alimentos *in natura* é maior do que a produzida na região.

– para se produzir em escala e com qualidade, falta assessoria técnica aos produtores, inclusive àqueles que já são reconhecidos pelo município e não recebem auxílio deste tipo.

> **conversa**

com **Fernando de Mello Franco**

Arquiteto e urbanista, ex-secretário de desenvolvimento urbano da cidade de São Paulo e conselheiro do **ECOCIDADE**.

A seu ver, qual a importância de projetos como o ECOCIDADE?

As políticas públicas, que são indispensáveis, são pensadas a partir de uma ideia abstrata sobre o que se entende enquanto esfera pública, por definição. Já os projetos como o ECOCIDADE têm uma abordagem a partir de um território concreto, habitado por pessoas igualmente concretas. Esta condição de origem indica o quão podem contribuir no enfrentamento das questões que emergem desde a esfera local, para e com a comunidade local. Já o foco do ECOCIDADE na transição ecológica em áreas de vulnerabilidade vai encontrar pela frente questões que são eminentemente sistêmicas. O que irá exigir pensar no seu efeito multiplicador e nas múltiplas formas de construção de redes que, de forma difusa, possam enfrentar a magnitude deste desafio. Gosto de pensar que o seu nome não se limita à simples junção das palavras ecologia e cidade, mas que anuncia a intenção explícita de fazer ecoar pelo território os efeitos do seu projeto.

Como projetos do ECOCIDADE podem contribuir para a construção de políticas públicas? Como estas duas esferas, macro e micro, podem convergir?

Eu ouvi do Ailton Krenak, outro dia, em um evento em Minas Gerais sobre os “seres rios”, que ele tem um certo desconforto a respeito do significado da palavra convergência. Segundo ele, a convergência é todo mundo sair de algum ponto para chegar no mesmo lugar, e por lá parar. Já a confluência traz a imagem de fluxos em contínuo movimento em uma mesma direção. Acho muito bonita esta ideia, poderosa mesmo, sobretudo em nosso contexto de intolerância e impasse. Como fluirmos juntos em uma mesma direção? Em cidades como São Paulo, o governo tem, potencialmente, uma grande capacidade de formulação de políticas públicas, o que é verdadeiro. Quando as faz, em grande medida são baseadas numa abordagem muitas vezes distanciada dos territórios e das pessoas. Eu acho que ações como o projeto ECOCIDADE podem ser entendidas como campos laboratoriais, a partir dos quais é possível testar hipóteses e até errar — algo que a sociedade não aceita vindo do poder público. Práticas como o ECOCIDADE têm um grande potencial no processo de alimentação e inovação das políticas públicas. A ideia de ter a sociedade, as organizações do terceiro setor e as universidades ensaiando, devidamente conectadas com o poder público, é uma forma de confluência muito

bem-vinda. De certa forma, foi o que a gente tentou fazer lá na Secretaria, ao criarmos uma instância específica de diálogo, de ponte com as iniciativas existentes fora do poder público. O cotidiano da gestão pública é muito difícil, as urgências do dia a dia acabam consumindo a máquina pública, dificultando que os gestores públicos consigam se dedicar à formulação das políticas públicas. Elas demandam uma outra temporalidade. É aí que as instâncias laboratoriais como o projeto do ECOCIDADE mais ganham relevância e complementaridade. A partir disso, a questão passa a ser como inserir os seus resultados na máquina pública e nela confluir com os demais processos e formas de se fazer política pública.

Projetos assim, nessa escala, já têm alguma dificuldade de diálogo e de cooperação com o município. Qual seria sua hipótese para alcançar uma escala metropolitana, por exemplo?

Do ponto de vista das práticas não governamentais, a hipótese é o trabalho em rede. Por exemplo, a rede configurada pelos movimentos de moradia tem uma grande capacidade de multiplicação das suas ações, e são atores com assento formal em algumas das instâncias oficiais de representação política da cidade. Se conquistam ou não suas demandas, já é uma

outra questão. Do ponto de vista institucional, em especial no que diz respeito às questões de abrangência metropolitana, há algumas experiências com um certo histórico no Brasil, como as ações promovidas pelos consórcios interfederativos e pelas associações municipalistas de âmbitos nacional e regional. Estas instâncias, por um lado, vêm trabalhando na tentativa de articular coletivos institucionais interfederativos e, por outro, no enfrentamento das questões de ordem sistêmica que extrapolam a dimensão local. As questões ambientais, de mobilidade e de segurança, entre outras, extrapolam os limites municipais e exigem outros arranjos institucionais para serem equacionadas. A essência de uma governança metropolitana é, justamente, permitir a gestão do que se define enquanto funções públicas de interesse comum entre vários entes federativos. Consórcios e associações municipalistas podem ser entendidos enquanto engrenagens de articulação interfederativa. Campos laboratoriais como o ECOCIDADE poderiam alcançar a escala metropolitana, encontrando veículos como esses, que pudessem desempenhar a função de disseminadores das experiências e dos resultados das suas ações.



programas do ECOCIDADE

programas do ECOCIDADE

plantio e compostagem

Hortas Urbanas

Hortas agroecológicas dentro do contexto urbano trazem inúmeros benefícios à comunidade em seu entorno.

Do plantio à compostagem, trabalha-se o uso e o aproveitamento dos recursos locais e para a circularidade do ciclo do alimento. A Horta Saberes Ambientais foi a principal horta de ação do projeto ECOCIDADE, sendo realizadas obras para melhoria da sua infraestrutura e torná-las mais sustentáveis. Além disso, foram fomentadas mais oito hortas pelo território, através da distribuição de bolsas-auxílio e assessoria técnica com foco no manejo agroflorestal, e o incremento a compostagem de resíduos comunitários - constituindo um território de cultura alimentar.

consumo e preparo

Ponto de Cultura Alimentar

O Ponto de Cultura Alimentar articula a regeneração e circularidade do ciclo do alimento localmente, junto aos moradores e trabalhadores locais. Seu objetivo é promover uma cultura alimentar sustentável, trabalhar para a justiça climática, além do desenvolvimento e apoio às práticas e técnicas agroecológicas. Ele atua na distribuição e preparo do alimento a partir da produção local e regional

de pequenos agricultores, além de trabalhar com uma cultura alimentar periférica e multicultural. No ECOCIDADE, trabalhamos em conjunto com o Espaço Cultural Jardim Damasceno na sua qualificação como Ponto de Cultura Alimentar.

logística de entrega

Bike Entrega

Os coletivos de entrega local estimulam a geração de renda de uma comunidade e fortalecem a economia circular, realizando o transporte dos insumos e fluxos localmente. Seu objetivo é entregar alimento e coletar os resíduos orgânicos para serem destinados à compostagem local nas hortas parceiras, de forma a incentivar a autogestão dos recursos e das demandas. No ECOCIDADE, em parceria com o coletivo Aromeiazero, foi promovida uma formação para ciclistas da Brasilândia resultando na criação de um coletivo local autogerido, o VivaBike.

aprendizado mútuo e fortalecimento de redes

Curso Comida | Justiça | Cooperação

Programas pedagógicos e laboratórios sociais são ferramentas para a construção de redes e criação de comunidades de aprendizagem. O curso proposto pelo ECOCIDADE estruturou a formação de uma rede local de aprendizado mútuo através de seis meses de atividades, por meio de encontros semanais, on-line e presenciais. Trabalhamos na valorização dos saberes locais, na formação de uma comunidade de aprendizagem intergeracional e multidisciplinar.

programas do ECOCIDADE

sistema de troca

Plataforma Digital

Sistemas digitais são meios de facilitar e sistematizar a relação entre as pessoas, que apoiam a tessitura das redes sociais. A Plataforma Digital do ECOCIDADE é um espaço on-line de fomento à troca de produtos e serviços entre as pessoas e grupos que atuam dentro do ciclo do alimento, considerando serviços e recursos. A plataforma se propõe a ajudar na organização logística, na comunicação e coordenação da agenda de programação local dos parceiros, além da própria sustentabilidade das iniciativas de hortas, compostagem, alimentos beneficiados, entregas, insumos, entre outros.

> **conversa**

com **Mike Oliveira**

Ex-Cities Activation Manager for Latin America na **Ellen MacArthur Foundation**, atualmente Netweaver & Global Community Lead no **Social Gastronomy Movement** e conselheiro do **ECOCIDADE**.

O que é economia circular? Qual seu impacto na cidade e no sistema alimentar?

Primeiro, eu queria começar dizendo que os territórios, do jeito que eles são construídos hoje na nossa realidade, no nosso sistema de um país que foi colonial por muito tempo, não foram planejados. Os ambientes urbanos não são para as pessoas, na maioria das vezes. Uma forma de fazer com que esses ambientes urbanos sejam mais propícios para as pessoas que vivem nessas cidades é por meio de resiliência. Existem várias formas de fazer resiliência - uma metodologia que funciona é a economia circular.

Dentro das cidades, temos fluxos constantes de materiais, e aí esses fluxos muitas vezes não foram desenhados ou planejados - e aí entra a economia circular, com o objetivo de redesenhar esses fluxos: como eu consigo tecer essa malha urbana e fazer com que essas pessoas que estão à margem do sistema ou que vivem nessas cidades consigam se integrar mais com esse sistema, que às vezes são delas, mas elas não percebem que são delas?

A economia circular reelabora esses fluxos de materiais, repensando as rotas, as novas dinâmicas de elementos, por exemplo, no caso de alimentos, valorizando a produção local, a produção limpa, a produção sustentável, a produção

regenerativa, a produção mais localizada perto dos pontos de consumo, onde esse alimento seria reaproveitado... Porque lembra que o lixo é um erro de design.

A economia circular entra com uma ferramenta muito potente para trazer, de fato, produções locais, limpas, que privilegiam o conhecimento local. Porque aqui eu tenho um fator social que a gente praticamente não cita, mas a gente tem que citar quando fala de economia circular, que é a questão da vocação territorial, de quem está produzindo esse alimento: mulheres, homens, famílias, presidiários, refugiados, idosos, população LGBT.. Como eu faço para incluir essa localidade e essas facetas do sistema, essa pluralidade que existe na cidade, dentro da economia circular.

Porque não adianta eu ter uma produção, conseguir produzir de forma limpa, de forma regenerativa, orgânica, verde, enfim, e depois de não ter acesso a essa produção, ou escoar essa produção para o centro, e esquecer que o meu território ainda é um deserto alimentar, que eu não vou ter alimento nenhum. Porque a gente sabe que esse projeto, boa parte do que ele foi movido hoje, foi pelas comunidades, né, pelas pessoas que formam essa comunidade, que estão dispostas a fazer a diferença para as suas famílias, para o seu dia a dia. Como que eu vou entender essa comunidade primeiro para, depois eu pensar em uma solução ou cocriar uma solução: fazer com e não fazer para, para que isso de fato seja uma solução conjunta, comunitária. Se desvencilhar dessa visão colonizadora, mesmo até na hora de aplicar esse conceito de economia circular - porque é um conceito

eurocêntrico, muito focado em materiais, e a gente precisa considerar as pessoas envolvidas, porque não tem economia circular sem pessoas. Acho que o maior tesouro aí, para a gente (não sei se é tesouro a palavra certa), são as pessoas nesse projeto.

Qual a importância da geração de renda de projetos que atuam em desertos alimentares?

Precisamos nos desvencilhar do assistencialismo. O projeto precisa gerar renda, as pessoas precisam encarar isso com firmeza. (...) É um programa de empregabilidade que precisa ser sustentável, tirar a uberização, bico, para ter uma renda extra. Se a gente quer de fato que os sistemas alimentares sejam transformados, a gente precisa a partir do pressuposto da inclusão, e eu incluo com educação, com condições de trabalho dignas, um trabalho que dure a longo prazo, não um trabalho que amanhã você chega para trabalhar e fala “não tenho mais meu trabalho”, sabe? Então, eu acho que um grande desafio aqui para a próxima etapa é como a gente consegue transformar isso em um programa de trabalho de verdade. Onde você vai estar trabalhando, vai estar servindo a sua comunidade, e ainda fomentando uma alimentação saudável e contribuindo para a segurança alimentar. Um agente de transformação.

A gente está vivendo em um país onde o nível de insegurança alimentar aumentou. A gente voltou pro mapa

da fome e o nível de desemprego aumentou muito também. Pensando nisso, eu acho que a cidade tem um papel fundamental, de prover essas condições de trabalho. A prefeitura, por exemplo, não pode criar uma bolsa-emprego que dure, aí, seis meses, uma bolsa-agente transformação para manter essas pessoas trabalhando de fato nessas produções limpas? Acho que aqui tem um papel que nem passa pela política pública ainda, é só um fomento mesmo. Lógico que a visão é sistêmica, a mudança é sistêmica, mas com ações bem curtas já é possível manter essas pessoas, esses postos de trabalho.

Não adianta só falar de clima, só falar de produção limpa, só de biodiversidade, e esquecer os fatores sociais, os fatores ambientais, os fatores da comunidade, você provavelmente vai ter uma espécie de *green washing* no seu projeto, porque alguma parte vai estar defasada.. Acho que o impacto indireto que esses projetos vão causar (aí, quando eu falo de impacto indireto, eu estou falando de impacto sistêmico indireto, na comunidade, nas pessoas que estão sobrevivendo disso, no meu entorno, na inclusão, na geração de renda, nas externalidades) e nos impactos diretos, que aí podem ser, de fato, clima, qualidade de vida, biodiversidade, acesso a alimentos.

Como mensurar projetos que trabalham a partir da circularidade?

Mesmo a economia circular ainda não sabe como medir a circularidade. Eu acho que aqui tem todo um campo, um *gap*, ainda. O que que eu considero para ser circular? Quais elementos que eu considero hoje? É só o fluxo de materiais? Provavelmente não, né? É só o que foi reutilizado, é só o que foi compostado, só o que foi produzido de forma limpa? É só o que foi devolvido para a biodiversidade? Provavelmente não, provavelmente tem todos esses aspectos indiretos que não são considerados, ou que são vistos como externalidades e deveriam ser considerados no meu cálculo de circularidade e não são hoje. Então, eu acho que aqui tem um grande trabalho, ainda, da Academia, principalmente, junto com instituições de pesquisa, entidades em geral, para que a gente faça com que eles consigam, de fato, criar mecanismos fáceis de medir isso. Para um setor público é tão difícil medir as coisas, pensa na complexidade de São Paulo. A gente sabe que tem medidas - mas são medidas geralmente brutas, são números brutos, não são números que refletem muitas das coisas que vivemos na pandemia, como bem-estar, qualidade de vida, acesso à saúde, acesso a uma alimentação mais saudável. Isso a gente não tem ainda como medir. Então, eu acho que a gente precisa aprender ainda.





ponto de cultura alimentar

o que é?

Ponto de Cultura Alimentar (PCA) é um espaço de troca e distribuição de alimentos, que articula produtores e moradores de uma região, de forma a promover uma cultura alimentar sustentável. A proposta foi criada em Belém do Pará pelo Instituto Iacitatá, que, a partir do movimento do Ponto de Cultura, integrou a essa política pública a noção do alimento como cultura.

para quê?

O objetivo do Ponto de Cultura Alimentar é promover uma cultura alimentar sustentável, através do incentivo da atividade dos pequenos produtores agroecológicos, fornecimento de alimento de qualidade a um preço justo, avanço na justiça climática, além do desenvolvimento e apoio às práticas e técnicas agroecológicas na escala local. A proposta incentiva, assim, o conhecimento e discussão a respeito de como os alimentos chegam na mesa das pessoas e quais os atores e processos envolvidos no ciclo da alimentação.

como?

Na Brasilândia, foram realizadas uma série de formações para um grupo de mulheres, além da requalificação da infraestrutura do Espaço Cultural Jardim Damasceno, criando o coletivo Perifa Alimenta, um coletivo de mulheres periféricas que produz “quentinhas” saudáveis e gostosas, com alimentos da Comuna da Terra Irmã Alberta, pertinho da Brasilândia. O estabelecimento do Ponto de Cultura Alimentar baseou-se:

- na troca com cozinhas comunitárias para a experimentação e aprendizagem de diferentes receitas;
- na assessoria técnica para aumentar a produção da horta do espaço e aprender sobre aspectos nutricionais dos alimentos;
- em formações sobre negócios, marketing e empreendedorismo com o SEBRAE SP;
- no estabelecimento de parceria com a cooperativa Terra e Liberdade para o fornecimento de alimentos;
- na adaptação do espaço para as novas demandas e normas sanitárias, culminando na reforma da cozinha;
- na venda de “quentinhas” e almoços vegetarianos e agroecológicos, além da organização de um grupo de consumo responsável por cestas de alimentos frescos e da feira livre.

linha do tempo

Mapeamento e articulação da rede de produtores agroecológicos

- mapeamento das hortas da Brasilândia e região.
- formação de parceria com a cooperativa Terra e Liberdade para fornecimento e logística de entrega dos alimentos, até que as hortas do bairro tivessem uma produção que suprisse a demanda.

Criação de uma feira livre

- comercialização da produção da rede de produtores agroecológicos e sustentação da rede criada pelo Ponto de Cultura Alimentar.
- organização da logística de retirada dos alimentos da rede de produtores das hortas locais e com a Terra e Liberdade.
- organização da logística de venda e de cestas de vegetais.
- divulgação para a comunidade através do WhatsApp e boca a boca.
- início da operação com regularidade quinzenal.

Organização do programa de cozinha e restaurante

- preparo e consumo das receitas que fazem parte da cultura alimentar local.
- oficina de sensibilização sobre cozinha, com aproveitamento total do alimento, em parceria com a organização Favela Orgânica.
- uso do Dispositivo Ativador de Vizinhança para realização da reforma da cozinha do Espaço Cultural Jardim Damasceno: reforma da cozinha e despensa, aquisição de equipamentos (geladeira, pia/bancada de inox e produção de mobiliário de apoio às atividades).
- início das atividades de venda dos almoços vegetarianos, aliadas à realização de feira livre e venda de cestas de vegetais.
- curso de empreendedorismo com o SEBRAE e oficinas de viabilidade financeira.

Atividades comunitárias

- realização de eventos junto com a comunidade, de sensibilização e compartilhamento de conhecimentos.
- promoção de diálogos sobre cultura alimentar.
- resgate de receitas, como Estrogonofe de Cascas de Banana, Peixinho da Horta Empanado e Suco de Ora-pro-nobis.

impacto

O Ponto de Cultura Alimentar do Espaço Cultural Jardim Damasceno criou redes e possibilidades de troca, logística e articulação entre produtores agroecológicos e uma comunidade que sustenta a agricultura, incentivando a manutenção da cultura alimentar e a alimentação adequada a partir de alimentos *in natura*, prezando pela relação entre todos os atores da cadeia de produção.

“Estamos tendo geração de renda através do Espaço Cultural Jardim Damasceno, ensinando as pessoas a comer melhor, a cultivar sua alimentação, ensinando as pessoas a trabalhar e gerar renda.” (COLABORADOR)

“Orientou a criação das ‘quentinhas’, das cestas de orgânicos que são fornecidas pelas hortas da região. Com certeza, estamos vivendo essa experiência (“quentinhas” e cestas) e a gente já está num processo de avançar. Já oferecemos cafés para festas e eventos, fora as descobertas durante o processo e a possibilidade de ampliar o grupo e se estruturar para ir crescendo cada vez mais.” (LIDERANÇA)

desafios

- **formação de um grupo de consumo e clientes** que comprem os produtos do Ponto de Cultura Alimentar, especialmente em territórios vulneráveis, com altos níveis de insegurança alimentar. Para isso, é necessário investir em esforços de formação de uma cultura que valorize este tipo de empreendimento, conscientizando as pessoas sobre questões como agroecologia, consumo responsável e soberania alimentar.

ponto de cultura alimentar

- **demanda muita organização e comprometimento** de pessoas responsáveis para organizar e divulgar as atividades, organização logística e articulação com a rede de produtores e consumidores. Para isso, é importante alinhar com a geração de renda e sustentabilidade financeira, garantindo que as pessoas que cuidam deste espaço também tenham suas necessidades supridas.

aprendizados

- **trocas em uma escala local são viáveis e aumentam o impacto do Ponto de Cultura Alimentar:** a partir do momento em que um grupo se organiza para distribuir e beneficiar produtos agroecológicos locais com constância, cria-se uma rede em que produtos sazonais das diferentes hortas são trocados, estabelecendo elos mais fortes entre os atores do território.

- **é possível promover a conscientização sobre uma cultura alimentar saudável e sustentável:** as diferentes receitas vegetarianas elaboradas no Ponto de Cultura Alimentar estimularam as pessoas do bairro a provar novas receitas e percebê-las como alternativas viáveis de consumo, reconhecendo a importância do aproveitamento total do alimento.

- **é preciso estabelecer estratégias de sustentabilidade financeira,** que sejam baseadas em uma análise do público-alvo, do contexto do território em que se vai atuar e, assim, desenhar um modelo de viabilidade financeira e um modelo de negócios

- **seu impacto pode ser mais efetivo quando aliado às hortas urbanas agroecológicas da região,** criando uma rede ainda maior de produção local e de acesso aos alimentos, que tenha uma frequência de encontros.

hortas urbanas

o que são?

A agroecologia é um importante instrumento para estratégias de produção agrícola em ciclos curtos, principalmente sob administração familiar ou local, com baixa dependência de insumos externos, procurando manter ou recuperar a paisagem e a biodiversidade. Esse sistema busca maximizar a reciclagem de energia de nutrientes, que deriva do equilíbrio entre plantas, solos, nutrientes, luz, umidade e outros organismos coexistentes. O setor agrícola convencional utiliza agrotóxicos para potencializar a produção, contaminando o solo, a água, o alimento, assim como toda a cadeia ecossistêmica. Enquanto isso, a agroecologia tenta reduzir o uso de químicos através dos saberes locais, defensivos naturais, rotação de culturas e diversidade no plantio.

Como prática, a agroecologia pode ser aplicada em contextos rurais ou urbanos. No caso das hortas urbanas, estas são locais de cultivo e compostagem dentro da cidade. Aliadas aos princípios agroecológicos, podem ser importantes instrumentos para o aumento da qualidade da vida urbana e da proteção ambiental, respeitando a Natureza, minimizando os impactos no processo de produção.



1. Horta Espaço Cultural Jardim Damasceno

Horta diversa, que recebe voluntários para auxiliar na manutenção e cultivo de diferentes culturas. O espaço conta também com um minhocário.

2. Horta Saberes Ambiental

Localizada em uma faixa de transmissão da ENEL, produz grande variedade nos canteiros e tem potencial de produção em escala. Existe a intenção em se consolidar como um espaço de educação ambiental.

3. Horta UBS Jardim Guarani

Horta em uma área que sofria com a degradação, iniciada em 2018 por agentes da UBS Unidade Básica de Saúde do Jardim Guarani. Permite que moradores participem do cultivo de hortaliças, frutas e ervas medicinais. Atualmente, a horta segue ativa, produzindo alimentos para o autoconsumo, venda e doação.

4. Horta Solidários da Vila Terezinha

Além do importantíssimo papel social, o projeto Solidários da Vila Terezinha sempre sonhou em abrigar uma horta em seu quintal para engajar mais famílias do entorno. No final de 2021, isso aconteceu, e atualmente cultiva hortaliças, verduras e ervas medicinais.

5. Horta da Floresta

Horta familiar com presença de árvores frutíferas, cultivo de vegetais e hortaliças para uso próprio e doação.

6. Horta Ocupação Morro Doce

Horta na laje do Espaço Cultural Morro Doce, uma iniciativa da Rede Cultural Ananguera, onde também acontecem atividades artísticas e de desenvolvimento e fortalecimento de iniciativas locais, processo este também formativo na área ambiental, em parceria com escolas.

7. Horta Escola Ubaldo Costa Leite

Com 2.000 m² de área total, tem como objetivo a inclusão social para grupos vulneráveis e contribuir com a segurança alimentar dos moradores. É utilizada como um instrumento de formação para os alunos e fortalecimento comunitário.

8. Horta Plantifique – ETEC Jardim Paulistano

Iniciada por alunas da ETEC Paulistano, tem o objetivo de atender a cerca de dez famílias por mês através da doação da produção.

9. Horta e Pomar Praça Sete Jovens

Cultivo de hortaliças e árvores frutíferas em um terreno no Jardim Elisa Maria.

como?

Na Brasilândia, foram realizadas atividades de formação para um grupo de agricultores urbanos, além da requalificação da infraestrutura da Horta Saberes Ambientais, com maior potencial produtivo. A organização da rede de hortas baseou-se:

- no mapeamento de espaços ociosos e subutilizados (terrenos baldios e degradados, escolas, UBS, centros comunitários, faixas de linhas de transmissão);
- na mobilização de pessoas;
- no planejamento do plantio, manejo — ações e técnicas de cuidado do solo e do plantio — e colheita;
- na compra ou troca de sementes crioulas e mudas;
- na realização de mutirões de plantio, construção de melhorias e de colheita;
- no estabelecimento de uma logística de coleta de resíduos orgânicos com baldinhos e de adubação do solo com composto;
- na colheita e venda ou distribuição local dos alimentos.

para quê?

Uma rede de hortas configura-se como potencial de transformação socioambiental, principalmente nas áreas mais vulneráveis, permitindo que a população tenha acesso a uma alimentação saudável de forma mais justa e acessível. Com manejo e gestão adequados, podem promover a requalificação de áreas subutilizadas, fortalecer a comunidade e oferecer espaços de educação ambiental e de troca de saberes.



linha do tempo

Mapeamento e diagnóstico das hortas urbanas na Brasilândia

- visitas técnicas para reconhecimento das hortas, suas necessidades e potencialidades.
- convite para participação dos agricultores no Projeto.

Planejamento do plantio

- assessoria técnica com a Rumos Sustentabilidade para um diagnóstico, planejamento conjunto da produção e plantio em mutirão, definindo a meta de produção e a destinação dos alimentos cultivados, para então escolher o que plantar.

Mutirões

- construção de intervenções de melhoria da infraestrutura das hortas, como sistema de irrigação e drenagem.
- plantio de mudas e sementes.
- colheita de frutas e hortaliças.

Logística da compostagem

- implantação ou ampliação de pontos de compostagem comunitária, com assessoria do Cadico Minhocas (Espaço Cultural Jardim Damasceno, Horta Saberes Ambientais, ETEC Paulistano, Horta Solidários da Vila Terezinha, Horta UBS Jardim Guarani).
- distribuição de baldinhos para juntar e transportar os insumos orgânicos para as hortas.

Distribuição de alimento

- criação de feiras locais para vendas ou trocas.
- auxílio do coletivo de ciclo-entrega para distribuição dos alimentos no bairro.

impacto

As nove hortas parceiras do ECOCIDADE somam, atualmente, uma área de cerca de sete mil metros quadrados. Ao longo do projeto, mais de três mil mudas foram plantadas nos espaços produtivos. Juntas, as hortas possuem a capacidade média de produzir cerca de 400 kg de alimentos por mês, além de contribuir para a logística reversa de compostagem local — somando a capacidade total das composteiras de sete mil litros.

O fortalecimento da Rede de Hortas Urbanas da Zona Noroeste de São Paulo, assim como sua articulação com outros espaços, como o Ponto de Cultura Alimentar no Espaço Cultural Damasceno, possibilitou a criação de estratégias de ajuda mútua, criando oportunidades para as trocas de mudas, sementes, empréstimos de equipamentos, doações de composto e podas e ajuda na venda da produção, fortalecendo tanto a geração de renda, quanto o acesso ao alimento saudável na região. Além disso, a presença destas hortas contribui ativamente para o desenvolvimento sustentável da região, assim para a conscientização e preservação ambiental, criando uma zona de amortecimento ambiental.

“Antigamente, eu mexia só com mudas nativas. E, hoje, estou ensinando como se planta um pé de alface... Aprendi muito nesta parte da cultura. Até aprendi a fazer uma horta na minha casa, e quando a criançada vem aqui, eu levo pra mostrar e falo que eu aprendi no ECOCIDADE! Antes, eu achava que tendo uma laje não dava pra colocar uma planta. Aprendi e funcionou, e hoje eu tenho a minha própria verdura, não preciso pegar de doação.”
(LIDERANÇA)

hortas urbanas

“Cada um com suas habilidades, com suas preferências. E a gente tenta manter uma autossuficiência, uma colaboração mútua, sabendo o que as pessoas daqui têm a oferecer, para que a gente possa criar um território mais integrado, não só com as nossas atividades, mas com a Natureza e as memórias histórico-culturais do território.”
(COLABORADOR)

desafios

- **o acesso a insumos torna-se difícil** para a autossuficiência do espaço, tanto na fase do plantio quanto para a compostagem. A participação comunitária é fundamental para que se tenha pessoas cooperando no espaço.

- **as hortas com as quais trabalhamos enfrentam desafios de regularização fundiária**, seja em terrenos privados, como uma linha de transmissão, como em terrenos públicos, como UBS e escolas. Ao longo do processo do projeto, foram tentados avanços nesse aspecto, mas não houve sucesso devido a diversas questões, como falta de vontade política, mudanças de responsáveis e cargos técnicos, sobreposição e falta de clareza de quais instâncias são responsáveis por decisões a respeito do espaço, entre outros. É muito importante entender quais os atores responsáveis em cada caso e, junto a eles, criar acordos de gestão compartilhada do local.

- **a falta de conhecimento e de assessoria técnica implica no baixo aproveitamento de recursos existentes nas hortas:** por vezes, somente o acesso a conhecimento e técnicas agroecológicas é capaz de aumentar a eficiência energética e produtividade das hortas. No entanto, assim mesmo, a demanda por ferramentas de trabalho e manejo das hortas e o acesso a insumos continuam sendo necessários.

aprendizados

- **a assessoria técnica é uma ferramenta importante para o aprimoramento do trabalho dos agricultores:** ela pode acontecer através de programas como o Sampa+Rural, do Município de São Paulo, ou dos APAs - Agentes de Promoção Ambiental do PAVS - Programa Ambientes Verdes e Saudáveis.
- **é fundamental a sociedade civil unir-se e pressionar para a criação de projetos de lei para as hortas urbanas e os agricultores,** que deem segurança jurídica, acesso a conhecimento técnico, insumos, etc., além de criar acordos de gestão compartilhada.
- **é possível desenvolver hortas em diferentes formatos e tamanhos:** durante o projeto, havia hortas de formatos muito diversos — desde as verticais com menos de vinte e cinco metros quadrados, até aquela com uma área de 2.000 metros quadrados dentro de uma escola estadual, passando por hortas em PAVS (Programa Ambientes Verdes e Saudáveis), UBS, linhões e áreas públicas. Todo local pode abrigar uma horta urbana.
- **existem ferramentas de concessão de uso de certos terrenos,** como no caso das linhas de transmissão, em que a concessionária de energia permite o uso do terreno através de um acordo de comodato. Para saber mais, [clique aqui](#).



bike entrega

o que é?

Para aproximar e conectar a rede de quem produz e quem consome, é necessária a atuação de pessoas na logística do sistema. Assim, nasce o coletivo VivaBike, fomentado por uma capacitação em parceria com o Instituto Aromeiazero. O coletivo atua nos bairros da Brasilândia, realizando entregas com bicicletas convencionais e elétricas, sem emissão de poluentes e contribuindo para a mobilidade limpa e sustentável na cidade.

Ao aliar a geração de renda com logísticas eficientes e sustentáveis, baseadas na valorização da economia local e no fechamento de ciclos curtos de consumo, a formação de um coletivo de bike de entrega local reforça o papel da bicicleta na busca por soluções que contribuam para a justiça climática e espacial.

para quê?

Existiam pontos do sistema alimentar que estavam desconectados, como espaços de produção, de distribuição de alimentos e de destinação de resíduos orgânicos. O coletivo VivaBike foi formado respondendo a essa demanda e ao interesse de diversos jovens da região apaixonados pelas bicicletas, e que não tinham oportunidades de emprego no território. Contra a precarização do trabalho em plataforma *delivery*, através da promoção de condições igualitárias, horizontais e cooperativas entre os membros, o coletivo vem trazer

oportunidades de renda e emprego locais.

“Eu sou novo nessa área. Estou começando agora a me conscientizar e, hoje, eu estou em um coletivo de bicicletas chamado “VivaBike”, onde o maior objetivo é aproximar pessoas que querem conhecer quem vive realmente de bike e quem gostaria de viver dela, e também conscientizar as pessoas sobre os maiores benefícios que a bicicleta pode oferecer para a cidade. Meu sonho é que as pessoas se conscientizem em relação ao cuidado em geral com o ambiente, e pessoalmente também, porque elas precisam se conscientizar, saber que cada ação e atitude faz grande diferença no local onde vivem.” (COLABORADOR)



como?

Para seu funcionamento, o coletivo precisa fechar parcerias de entregas com iniciativas locais, como hortas, coletivos de cozinheiras e comércios em geral, incluindo entregas diárias, semanais e mensais. Estes parceiros normalmente estão alinhados com as propostas do coletivo, prezam pela sustentabilidade e pela ciclomobilidade. Ao estabelecer estas parcerias, o coletivo começa a ganhar mais autonomia e segurança, conseguindo manter uma equipe e renda mais consistentes. No projeto ECOCIDADE, alguns passos foram seguidos para que a ciclo-entrega pudesse acontecer:

- consolidação do grupo de ciclistas (reunião de pessoas interessadas);
- construção de missão, visão e valores;
- definição inicial de público e rotas;
- adequação das bikes para as entregas (quais ferramentas devem ser usadas pelas demandas, como cestas, baús ou *bags*);
- revisão constante das bikes;
- formalização do coletivo, com a proposta de estatuto e outros documentos necessários para consolidação de uma cooperativa;
- promoção de eventos para conscientização da mobilidade ativa;
- constituição de acordos com os produtores e comerciantes locais.

A respeito da precificação do trabalho, existem algumas possibilidades que podem ser implementadas:

- por hora: normalmente é realizado mais para entregas em domicílio. O cliente contrata o(a) entregador(a) por hora e o(a) ciclista fica disponível pelo período combinado;

- por período: o(a) entregador(a) fica disponível por um período definido, uma média de 4 horas;

- por entrega: para entregas específicas, calcula-se o valor pelo quilômetro rodado, em adição ao tipo e peso da entrega.



linha do tempo

Mapeamento dos interessados

- mapeamento de ciclistas da Brasilândia e Região para capacitação e possível formação como coletivo junto aos parceiros locais.

Formação e capacitação do coletivo

- início da formação Viver de Bike pelo Instituto Aromeiazero (capacitação em reparos mecânicos; produção de duas bikes elétricas; teste da operação; construção do modelo de gestão);

- formação curso ECOCIDADE - comida, justiça e cooperação:
 - assessoria do SEBRAE para iniciativas inovadoras sobre empreendedorismo, marketing e negócios;
 - assessoria da Universidade São Camilo para formalização do grupo como cooperativa;
- workshop sobre comunicação e identidade visual do grupo.



Investimento em estrutura e necessidades gerais

- foram fornecidas duas bicicletas cargueiras elétricas e duas convencionais.
- compra de kit de ferramentas e insumos para reparo de bicicletas.
- compra de acessórios básicos, como mochilas, capacetes, roupas de chuva.
- fornecido acesso à Internet mobile.

Operacionalização da logística

- entrega de produtos do Ponto de Cultura Alimentar - coletivo Perifa Alimenta.
- entrega de insumos da feira para compostagem na ETEC Paulistano.
- formação de parcerias com comércios locais.

impacto

O curso ofereceu uma série de materiais para organizar e capacitar ciclistas que desejam atuar no sistema alimentar local, estimulando a geração de renda e fortalecendo a economia circular. Normalmente, as entregas são feitas de moto ou carro, e com o VivaBike foi possível complementar a logística com um modal menos poluente e de menor impacto sonoro.

O Coletivo VivaBike, atualmente, mira na sua consolidação no território, buscando captar novos clientes e apresentar um modelo mais democrático, fazendo com que mais pessoas tenham acesso a esse serviço na sua oferta ou demanda — refletindo num menor custo de implementação do negócio ou do custo da entrega. Esta iniciativa acende a discussão sobre a condição da mobilidade nesse espaço, dada a falta de acessibilidade e de ciclovias. O coletivo tem participado de movimentos que atuam na discussão por políticas públicas voltadas ao transporte ativo e com relações de trabalho mais justas e menos precarizadas em relação ao serviço de entregas.

desafios

- **formação do grupo:** o coletivo VivaBike passou por um processo inicial de formação de construção de vínculos que possam perdurar, ficando clara a dificuldade de manter os participantes ativos, principalmente pela necessidade de uma renda complementar.

- **conscientização coletiva:** é necessário agir na conscientização local para que a ideia de bike-entregas

seja compreendida por mais pessoas, possíveis clientes e parceiros.

- **mobilidade insegura:** sabe-se que no trânsito das cidades ainda são priorizados os veículos motorizados e, por isso, andar de bicicleta às vezes pode ser desafiador e perigoso. Além disso, a topografia acentuada da Brasilândia dificulta a locomoção, assim como as condições das ruas e falta de ciclovias, gerando riscos aos ciclistas.

- **infraestrutura do coletivo:** possuir uma base física como um ponto de apoio aos entregadores que possibilite descanso, uso de banheiros, alimentação, acesso à água, realizar a manutenção nas bicicletas e, eventualmente, ser o local administrativo do coletivo.

aprendizados

- **devemos respeitar o processo** principalmente quando um grupo está se organizando pela primeira vez, que não se conhecia previamente.

- **é muito importante garantir a segurança dos ciclistas:** capacitações podem ser uma boa ferramenta para isso, assim como a conscientização quanto ao uso dos itens de segurança, como capacetes.

- **é necessária uma bolsa-auxílio**, que possa garantir a participação dos integrantes do projeto para se dedicarem enquanto ele não produz a renda necessária.

curso comida | justiça | cooperação

o que é?

Um programa pedagógico que aconteceu entre os meses de outubro de 2021 a maio de 2022, de forma gratuita, com aulas teóricas e práticas. Foram explorados, em cinco módulos, conteúdos relacionados à economia circular, empreendedorismo social e desenvolvimento local sustentável, de forma híbrida, com aulas on-line semanais e, no mínimo, um encontro presencial por mês de oficinas e formações práticas.

A inscrição era aberta a qualquer pessoa que tivesse o interesse na área do desenvolvimento sustentável local, principalmente quem atuasse em alguma iniciativa dentro do sistema alimentar ou possuísse interesse em viabilizar a iniciativa na Zona Noroeste da cidade. Formou-se, então, um grupo diversificado, com 30 participantes dos bairros Jardim Damasceno, Terezinha, Pirituba, Jardim Paulistano, Perus, Jardim Guarani, Carumbé, Elisa Maria, Freguesia Do Ó, Vila Iório, entre outros.

Cidade Circular e Direito à Cidade – parceria com UNIFESP

Como produzir riqueza sem extrair e desperdiçar recursos? O direito à cidade é também o direito de transformarmos a cidade em algo que queremos. Discussão com iniciativas inspiradoras e de negócios de impacto social e ambiental, que atuam dentro de princípios de uma economia circular, para promover um modo de habitar mais justo, com qualidade de vida e resiliência, dentro dos limites do Planeta.

Saúde e Meio Ambiente – parceria com Universidade São Camilo

Qual o impacto de um ambiente equilibrado na nossa saúde e bem-estar? Através de três temas principais – arborização, cultura alimentar e resíduos – exploramos as formas práticas de cuidar do ambiente em que vivemos, entendendo a importância do cuidado com a água e com o solo, da manutenção e ampliação de áreas verdes e do tratamento do lixo.

Microempreendedorismo: Produção e Gestão – parceria com SEBRAE

Como colocar minha iniciativa no mundo, gerando renda e sustentabilidade? Foram discutidos temas como elaboração de plano de trabalho, escrita e estruturação de projetos, logística, organização, planejamento e planilhas, marketing digital e engajamento de novos clientes, finanças e modelo de negócios, com a finalidade da geração de renda e sustentabilidade financeira das iniciativas locais.

Estruturas Cooperativas para o Desenvolvimento Local - parceria com a Universidade São Camilo

O que é uma cooperativa e como começar uma? Sejam cooperativas informais ou formalizadas, a estrutura cooperativa pode ajudar grupos a se organizarem. São estudadas questões como documentação, regime jurídico e cooperações entre iniciativas no território, formando um ecossistema que possa beneficiar todas as pessoas participantes.

Infraestruturas Ecológicas para Regeneração Urbana - parceria com a Escola da Cidade

Como tornar nossas cidades mais saudáveis e resilientes na prática? A regeneração urbana pode acontecer através do planejamento e construção de infraestruturas ecológicas. Ao longo deste módulo, foram desenvolvidos projetos nos espaços escolhidos pelos estudantes para instalação de tecnologias ecológicas. Os participantes do curso tiveram a oportunidade de construir algumas infraestruturas, de forma subsidiada e apoiada, em suas próprias iniciativas e comunidades.

Encerramento do Curso ECOCIDADE comida | justiça | cooperação

Roda de conversa para troca de ideias sobre as trajetórias individual e coletiva durante o processo formativo.

para quê?

O objetivo do curso é promover a autonomia das iniciativas, através do conhecimento de técnicas, trocas de experiências, mentorias e ações “mão na massa”. É destacada a importância da presença dos representantes dos espaços que compõem a rede de hortas urbanas. Os alunos passam por um percurso de aprendizagem que resulta na conexão potente entre eles, com trocas e colaborações no território.

como?

Na Brasilândia, foram realizadas atividades de formação para um grupo de lideranças locais, agentes socioambientais e agricultores urbanos. A realização do curso se deu da seguinte maneira:

- planejamento do Programa Pedagógico com instituições parceiras - UNIFESP, Universidade São Camilo, SEBRAE e Escola da Cidade;
- troca intergeracional entre os alunos;
- facilitação da presença dos estudantes a partir da distribuição de bolsas, com auxílio financeiro para participação;
- valorização do conhecimento local e da interdisciplinaridade, com temáticas diversas a cada módulo abordadas de forma integrada;
- aulas presenciais promovendo o intercâmbio com outras iniciativas e o fortalecimento de vínculos entre os estudantes;
- escuta ativa nos encerramentos dos módulos, tornando a construção do curso mais participativa a partir das demandas e desejos dos alunos.

linha do tempo



Desenvolvimento do programa pedagógico e formato

- estabelecimento de parcerias para detalhamento dos conteúdos a serem abordados.
- estruturação do formato.
- encontros de cocriação e validação dos temas e abordagens com os participantes.
- mapeamento de educadores da região, envolvidos em iniciativas cidadãs locais.



Chamamento de participantes

- escrita da proposta do curso e perfil dos estudantes.
- divulgação nas redes sociais.
- fechamento de turma.

Realização do curso

- formato intermitente, com aulas gravadas de curta duração, encontros on-line semanais e atividades práticas presenciais mensais.
- disponibilização de conteúdo relevante on-line para acesso gratuito e aberto.
- mentorias com iniciativas inspiradoras.
- atividades práticas, como o desenvolvimento de receitas saudáveis com aproveitamento integral dos alimentos, ou com reaproveitamento de resíduos;
- feira de Estruturas;
- cooperativas e Desenvolvimento Local;
- mutirões de construção (no Espaço Cultural Jardim Damasceno (tratamento das águas cinzas, viveiro de mudas e biodigestor) e na Horta Saberes Ambientais (banheiro seco e drenagem das águas).
- criação de uma comunidade de aprendizagem, com constância dos encontros e atividades

Balanco final e certificação de participação

- coleta de depoimentos de percepção dos estudantes sobre o processo.

impacto

O processo formativo desempenhou um papel importantíssimo no projeto ECOCIDADE: promoveu a aproximação das iniciativas do território, fortalecendo a luta dos pequenos agricultores, permitindo o encontro intergeracional entre adolescentes, adultos e idosos, além da troca de saberes, insumos e colaboração mútua.

“O curso que foi oferecido era muito heterogêneo. Tinha gente de muitos lugares, mesmo de diferentes partes da Brasilândia, que é muito grande. Com certeza, teve impacto e movimentação.”
(COLABORADOR)

“Todas as pessoas que fizeram o curso agora estão avançando no cultivo das hortas. Vários jovens envolvidos, isso é muito importante.” (COLABORADOR)

“Através da rede de apoio, trazendo os projetos que estão isolados para essa grande rede, ajuda eles a continuar e incentiva mais pessoas a participarem desses projetos já existentes e criar mais iniciativas.”
(COLABORADOR)

“O curso passou muita informação (banheiro seco, tratamento de águas cinzas, biodigestor), ensinou que é possível começar aqui, no nosso território, o consumo consciente, sem pagar valores absurdos, e o aproveitamento dos restos de uma forma sustentável.”
(COLABORADOR)

desafios

- **as restrições causadas pela Covid-19** fizeram com que o curso acontecesse de forma on-line majoritariamente e com encontros presenciais reduzidos.
- **acesso às aulas digitais:** no início, percebeu-se a dificuldade do uso da plataforma onde eram promovidos os encontros on-line, sendo adaptada a fim de garantir o acesso dos alunos.
- **frequência dos alunos:** depende de muitos fatores e oscila durante os módulos. Havia um núcleo de pessoas fixas, que acompanharam todo o percurso de forma participativa, e o constante desafio de compatibilizar as atividades com as demandas cotidianas, como trabalho e família.

aprendizados

- **a frequência de encontros é fundamental para o fortalecimento dos vínculos entre os estudantes:** a fixação de datas facilita a própria organização dos alunos e a assiduidade nas atividades, além da continuidade promover uma relação de troca para além das atividades formais propostas.
- **atividades práticas são oportunidades de incorporação do conteúdo trabalhado:** momentos “mão na massa” ajudam na fixação do conteúdo, além de permitir a interação maior entre os participantes, e com iniciativas inspiradoras.
- **todo território é educador:** além do conhecimento técnico, os saberes locais carregam tradições e anos de experiência, relembrando a importância de reconhecer que todos possuem a capacidade de ensinar e aprender.

plataforma digital

o que é?

A Plataforma Digital é uma plataforma on-line de fomento à troca de produtos e serviços entre as iniciativas agroecológicas fomentadas na Brasilândia pelo ECOCIDADE e demais ações desenvolvidas no território. A plataforma se propõe a ajudar na organização logística e de agenda das iniciativas, além da própria sustentabilidade das ações como hortas, compostagem, preparo de alimentos, bike-entregas, entre outras. Nela, qualquer pessoa pode se cadastrar para ser avisada, por e-mail ou SMS, de possibilidades de colaborações de trabalho ou recursos relacionados ao ciclo do alimento na Brasilândia.

para quê?

Percebe-se no território a existência de diversas iniciativas que não se conhecem e tampouco interagem em benefício mútuo. Além disso, diversos recursos são subutilizados ou até desperdiçados — os quais poderiam voltar para o ciclo, sendo valorizados e obtendo um papel relevante na circularidade local. Neste sentido, a Plataforma Digital visa promover a troca de recursos dentro do próprio bairro, tornando mais visíveis as ofertas de recursos e as colaborações, incentivando, assim, a articulação entre diferentes atores e espaços do território.

como?

A Plataforma possui quatro funcionalidades principais:

- listagem de espaços e coletivos, na qual usuários podem ver as organizações cadastradas da Brasilândia, junto com informações básicas sobre a organização, seu calendário de atividades e suas ofertas atuais de oportunidades de colaborações e recursos;
- página de Classificados Circulares, na qual usuários podem ver as oportunidades de colaborações e recursos publicados pelos espaços. É o lugar de trocas visível para todos os que usam o sistema, e onde podem se candidatar a vagas;
- página de Calendário, que organiza automaticamente as atividades e recursos em que os usuários estão cadastrados;
- página do Administrador de um Espaço, através da qual os administradores conseguem extrair relatórios sobre suas colaborações e recursos, auxiliando na gestão do espaço e avaliação de desempenho;
- além disso, o sistema visa integrar uma funcionalidade de SMS e mensagens automáticas por WhatsApp, tornando sua usabilidade mais próxima das ferramentas e canais já utilizados pela população.





linha do tempo

Mapeamento das iniciativas locais

- levantamento e diagnóstico dos espaços e coletivos que já atuavam com o tema na região da Brasilândia e Zona Noroeste de São Paulo, das trocas já realizadas entre coletivos, das disponibilidades e demandas de recursos e das necessidades de organização de agenda e chamamento de voluntários.

Construção coletiva de funcionalidades e requisitos


- realização de reuniões com lideranças comunitárias.
- realização de um *hackathon* com a presença de lideranças comunitárias e organizações que trabalham com sistemas alimentares ou sistemas digitais (FUA - Fundo Agroecológico - Cooperativas Livres e Virassol), para definição das funcionalidades mínimas e desejáveis, integrações e desenho de telas.
- realização de parceria com a organização Pertinho de Casa para venda dos produtos.

plataforma digital

apa agente de
promoção
ambiental



Desenvolvimento do hotsite

- 
- desenvolvimento das diferentes funcionalidades, agrupadas em módulos (Espaços e Coletivos, Classificados Circulares, Meu Calendário, Meu Perfil e Preferências).
 - desenvolvimento da integração com SMS e WhatsApp.
 - realização de reuniões com parceiros próximos do território para testes e ajustes.



Mutirões de cadastramento

- realização de cadastramentos em ações presenciais do projeto ECOCIDADE para esclarecimentos de dúvidas e auxílio.
- realização de lançamento digital e divulgação através de redes sociais.
- realização de vídeo tutorial de inscrição no sistema.

impacto

A Plataforma Digital do projeto ECOCIDADE estimulou uma discussão sobre quais os potenciais para trocas e vendas dentro do próprio território – as trocas de mudas entre hortas; as doações de matéria orgânica de residências para as hortas próximas; pessoas dispostas a trabalhar nas hortas locais ou a participar de mutirões de construção – assim como sobre a dificuldade em comunicar e organizar tantas agendas, realizando essa articulação comunitária. Realizar essa passagem de processos manuais, baseados em redes estreitas, na pessoalidade e no boca-a-boca, para processos automáticos e digitais, não é fácil, e é um processo ainda em andamento. No entanto, o mapeamento realizado pelo Sistema Digital e as discussões iniciadas estão avançando em direção ao estímulo à economia solidária de base local.

“Pude conhecer e ser conhecido por outras iniciativas no território.” (LIDERANÇA)

“O ECOCIDADE possibilitou essa articulação porque, até então, cada um estava no seu projeto. Além de descobrir novas pessoas, também conseguiu juntar quem estava no processo e mostrar a importância dessa organização... pra ter mais força, buscar mais recursos, ampliar o trabalho.” (LIDERANÇA)

desafios

– **deve-se levar em conta a dificuldade no uso e aprendizado de novas tecnologias:** para criar uma plataforma digital que, de fato, seja utilizada pela

plataforma digital

população, é essencial pensar em processos de inclusão digital, considerando tanto uma usabilidade intuitiva quanto a integração da plataforma às tecnologias já utilizadas pela população, como WhatsApp e Facebook.

- **deve-se levar em conta a desconfiança em relação à destinação e tratamento de dados fornecidos:** a melhor forma de garantir uma divulgação ampla é começar apresentando a plataforma a lideranças locais, utilizando o boca a boca como forma de divulgação.

aprendizados

- **é possível automatizar processos mecânicos que demandam muito tempo:** questões como a criação de agendas integradas entre diferentes iniciativas do território, articulação e convocação de pessoas para ações e mutirões, e registro de atividades realizadas são, muitas vezes, desafios para grupos locais, que podem ser resolvidos através de plataformas digitais automatizadas.

- **relações locais de troca e venda já existem e podem ser estimuladas:** no território, ao se articular diferentes iniciativas, como hortas, centros culturais e escolas, organicamente já começam a ocorrer relações de troca e venda de produtos e compartilhamento de conhecimento. A comercialização dos produtos e dos serviços é muito importante para a sustentabilidade dos grupos: uma alternativa para o desenvolvimento e gestão disso é estabelecer parcerias com outras plataformas que já oferecem esse tipo de serviço. No caso do ECOCIDADE, foi iniciada uma articulação para o uso da plataforma Pertinho de Casa.

> **conversa**

com **Renato Cymbalista**

Arquiteto e urbanista, professor da **FAUUSP**, cofundador do **FUA – Fundo Agroecológico** e conselheiro do **ECOCIDADE**.

Ao seu ver, quais são os maiores desafios de produção, logística e escoamento que os produtores periurbanos vulneráveis podem enfrentar?

São enormes desafios... a curto e a longo prazos. A curto prazo, ou seja, no dia em que o produtor acorda, o desafio que eu vejo é o do escoamento, de vender os seus produtos, conseguir ter um preço, uma remuneração justa para que viabilize o seu trabalho, não de forma voluntária ou precária, mas digna... é muito comum que essa pessoa não receba uma remuneração justa por isso. Não é à toa que essa é uma mão de obra que é muito feminina e idosa — é sempre muito comum entre mulheres que já encerraram as suas vidas profissionais ou que não têm muitas oportunidades, alternativas de trabalho. Já a longo prazo, o problema da terra é fundamental. Se você só pensa no curto prazo, lá pelas tantas chega alguém — pode ser o Estado ou o mercado — e pega essa terra do agricultor... Porque, como vale pouco do ponto de vista da exploração econômica da terra, se deixarmos ao sabor do mercado sempre vai ter algum outro uso que vai prevalecer. Então, nós precisamos urgentemente de ferramentas de proteção e de prevenção disso.

Qual é o papel da sociedade civil, especialmente de iniciativas do território, mas também de organizações como A Cidade Precisa de Você, para a criação de respostas em uma escala menor a problemas sistêmicos como esses?

Eu acho que até sou otimista em relação a isto. Acredito que a nossa função principal é de nos conectarmos e nos sentirmos participantes dessa cadeia. Daí, cada um se enxerga de alguma forma. Por exemplo, em relação àqueles que consomem os alimentos, precisamos tirar do automático de que se compra no supermercado aquilo que se quer, quando se quer, da forma que se precisa, e passar a dar mais peso e maior valor sobre cada coisa que está chegando nos nossos pratos, nas nossas geladeiras e mesas. E isso passa também por se considerar que aquilo pelo qual está se pagando não é só pelo produto, mas uma contribuição para que o mundo demore um pouco mais para acabar — e tem muita gente com condição de fazer isso, de pagar um pouco mais pelos alimentos. É sobre romper os nossos laços com um mundo que não é aquele que a gente quer, um mundo de trabalho precário, de grandes deslocamentos, de veneno na comida. O Estado pode fazer algumas coisas — pode fazer políticas públicas — e isto é importantíssimo, mas ele não substitui esses últimos cinquenta metros, que são a nossa decisão, o nosso engajamento para que esse mundo de fato aconteça. Não são utilizados dessa forma. Os clássicos são o “Adote Uma Praça” e os termos de cessão de uso.

Neste sentido, como você vê a relevância da sistematização e manualização de projetos experimentais e prototípicos como o ECOCIDADE para adaptações a diferentes realidades e contextos?

Os projetos experimentais trazem uma possibilidade que o Estado não pode dispor e que os próprios agricultores não podem trazer, que é a de criar soluções correndo riscos. É só em um projeto como esse do ECOCIDADE que a gente pode experimentar uma coisa nova e ver se dá certo — e tirar aprendizados disso. Ou seja, esse tecido experimental na cidade é fundamental para inovação e para colocar a sociedade em movimento. Faz parte disso a gente ir propondo um conjunto de soluções que não existem ainda; talvez elas não consigam se sustentar economicamente, mas a nossa função é ter o máximo dessas soluções, com consequências que, depois que o projeto acaba, podem ser apropriadas por diferentes agentes sociais ou pelo próprio Estado e pelas políticas públicas. Então, é mais ou menos descentrar, tirar esses projetos dos nossos desejos e colocar eles nas mãos e pés dos agentes sociais que a gente está tentando apoiar, dos agricultores, dos grupos mais vulneráveis. Todas as inovações em políticas públicas começam em algum momento com esse tipo de experimentação. Cada grupo que está trabalhando em um lugar específico está bastante interessado no que está acontecendo com os outros que operam em territórios que podem ser, às vezes, muito distantes, mas que são similares. Então, eu vejo essa ideia da constelação, sabe? De muitos

projetos pequenos conversando uns com os outros. Os próprios agricultores conversam uns com os outros, hoje em dia, de uma maneira que não conseguiam há alguns anos atrás, porque nós temos essas ferramentas, como o WhatsApp. Tem aí várias outras novas possibilidades, a própria Internet está chegando melhor nos bairros da periferia do que até algum tempo atrás... Alguns agricultores conseguem ir bem, prosperar, levar adiante os seus trabalhos, mas se alguma coisa quebra na cadeia, alguém se separa, fica doente, morre, um cliente não funciona, uma política pública é interrompida, aí desmonta tudo muito facilmente — ele ou ela entra em dívida, um círculo vicioso. Projetos como o ECOCIDADE podem dar mais resiliência para essas redes, e também mais possibilidades para os agricultores construírem boas narrativas sobre si mesmos — o que pode parecer pouco, mas é muito importante.





A Cidade Precisa de Agroecologia

Impacto e potências

O Projeto ECOCIDADE teve como foco tornar o sistema alimentar da Brasilândia mais regenerativo e circular, fornecendo ferramentas para as pessoas do bairro se tornarem multiplicadoras de um conhecimento ao redor de economia circular e transição agroecológica. Seu objetivo foi trabalhar com a mudança de percepção das pessoas sobre o tema e entender até que ponto isto pode se tornar uma mudança de hábitos.

O Projeto se propôs o desafio de medir o impacto, considerando as dimensões social e ambiental, mensurando de forma qualitativa e quantitativa três dimensões: individual, comunitário e ambiental (demonstrando, assim, a sua potencialidade sistêmica). Em nível individual, a intenção foi entender, por meio de entrevistas em profundidade, o quanto os colaboradores e participantes do Projeto se tornaram multiplicadores das questões da circularidade, regeneração, alternativas sistêmicas e desenvolvimento local. Já no âmbito comunitário, o intuito foi avaliar a capacidade comunitária para resiliência, por meio de uma medição quantitativa e qualitativa das relações do ecossistema de trocas estabelecido com

A Cidade Precisa de Agroecologia - impacto e potências

o Projeto. Quais relações existiam antes? Quais foram criadas? E, por fim, em nível ambiental, qual o impacto das soluções propostas na regeneração urbana e mitigação do colapso climático — e qual seria seu potencial, se replicado (focando na medição quantitativa a partir da quantidade de CO² capturada ou não emitida).

Para avaliar de forma qualitativa se as ações do Projeto atingiram os objetivos, foram realizadas pesquisas em três momentos, desde o seu início, em 2021. A coleta de dados não obedeceu a critérios rígidos de amostragem: a investigação foi feita adequando-se ao momento, à realidade local e às necessidades do Projeto. A metodologia de coleta de dados aconteceu a partir de duas formas, com medição qualitativa: grupos focais e entrevistas na medição inicial (maio de 2021); entrevistas em profundidade na medição intermediária (janeiro de 2022); e na final (maio de 2022). Para fins de coleta e análise, a amostra foi dividida em três perfis: comunidade (indivíduos que orbitam ou se beneficiam do Projeto), colaborador (pessoa que participou ativamente dos programas do Projeto como agricultor(a), entregador(a), cozinheiro(a), mestre composteiro) e liderança comunitária (indivíduos que coordenam iniciativas-chave do Projeto).

panorama de análise

Após um ano de atividades, é possível visualizar que todos os segmentos concordam que o Projeto ECOCIDADE conseguiu conectar pessoas, gerar renda e melhorar a qualidade da alimentação. O Projeto vem realizando um trabalho de educação alimentar muito valorizado e reconhecido. Há um desejo de continuidade, com pessoas dispostas a contribuir, inclusive, com participação em atividades administrativas. Sentem-se valorizadas e orgulhosas do trabalho e do resultado alcançado. É grande o desejo de que o ECOCIDADE seja conhecido por mais pessoas e replicado para outros coletivos.

Utilizaremos as declarações dos entrevistados para ilustrar a análise qualitativa, nos seguintes momentos:

- **M1: mensuração inicial;**
- **M2: mensuração intermediária;**
- **M3: mensuração final.**

“Adoto o sistema SAFS – Sistemas Agroflorestais, diversidade de culturas.. até as nativas, ornamentais, frutíferas... Tenho cuidado especial com as PANCS — ora-pro-nobis, capuchinho, beldroega, picão branco, taioba, peixinho...” (COLABORADOR – M1)

“Aprendi com minha mãe a fazer doces, conservas...fui criada fazendo isso, desde pequena.” (COMUNIDADE – M1)

“A minha horta é do tamanho de um carro; uso também a vertical.... Colhi escarola, cenoura...” (COMUNIDADE – M1)

“Estou tentando, na minha casa, plantar aromáticos — os quintais são muito pequenos.” (COMUNIDADE – M1)

A Cidade Precisa de Agroecologia – impacto e potências

nível individual mudança de percepção

“O ECOCIDADE tem uma relação de disseminar o conhecimento e respeitar o conhecimento que cada um traz com os seus saberes, nesta relação com a cidade... De aproximação, respeito e criação de uma relação com o meio onde a gente está inserido.” (COLABORADOR - M3)

“A comida que a gente faz, eles chamam de gororoba, não chamam de comida saudável... Eu falo que a gente cozinha uma comida com muito amor, e muitos gostam.... Uma amiga veio, experimentou e disse que era tudo mentira, que a comida era muito boa!” (COLABORADOR - M3)

“Gerou muito mais interesse em eu dar continuidade àquilo que eu já fazia. O projeto me motivou a continuar e a cada vez mais tentar crescer.” (LIDERANÇA- M3)

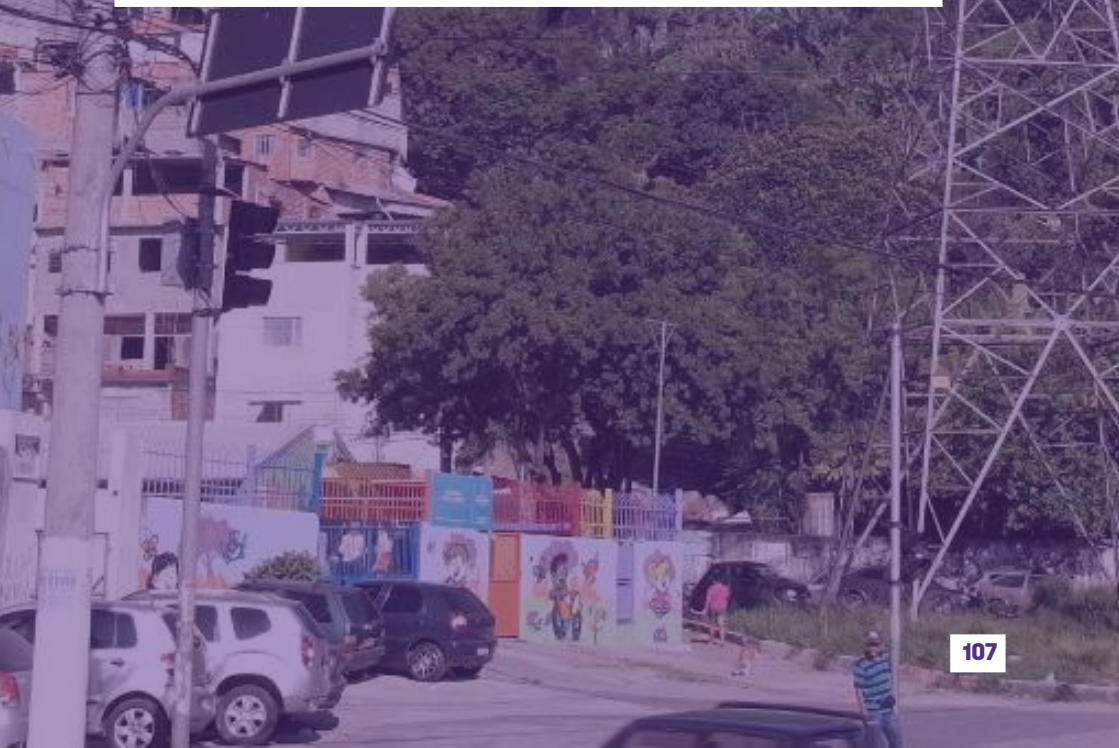
“Mudei a minha perspectiva em relação ao alimento, como são importantes os projetos da comunidade e quanto é importante falar sobre esses projetos e dar o apoio necessário.” (COLABORADOR - M3)

“Passei a ter mais consciência do que são as hortaliças, como são prejudiciais os alimentos com agrotóxicos. Busco comprar em feiras os alimentos que não têm agrotóxicos, verduras e frutas, e estou conseguindo ter um consumo consciente, tanto pra mim quanto pra minha família, e isso me ajuda bastante.” (COLABORADOR - M3)

“Quando a gente está na prática, estamos unidos uns com os outros. A gente vai passar para os outros, nós somos aqueles que multiplicam conhecimentos.” (COLABORADOR - M3)

nível comunitário hábitos para um território de cultura alimentar

“O ECOCIDADE possibilitou essa articulação porque, até então, cada um estava no seu projeto. Além de descobrir novas pessoas, também conseguiu juntar quem estava no processo e mostrar a importância dessa organização... Seja pra ter mais força, buscar mais recursos, ampliar o trabalho.”
(LIDERANÇA - M3)



“Através desse envolvimento com o ECOCIDADE e da discussão de melhorar a qualidade de vida, eu tenho mudado alguns hábitos, com certeza. Recebi um baldinho para a coleta dos resíduos orgânicos e comecei a usar e levar para a composteira do Espaço Cultural.”
(COMUNIDADE - M3)

“Tive a oportunidade de conhecer o Espaço Cultural, que é do lado da minha casa. Mas eu nunca tinha vindo e também as pessoas que conhecia no bairro... Dona Hilda, o Sr. Jair, Dona Noemia... Os mais velhos, que estão fazendo as coisas há tanto tempo... Os encontros é o que mais destaco.”
(COLABORADOR - M2)

“Teve uma ampliação de repertório e atuação de diferentes faixas etárias, o que foi bem importante.” (COLABORADOR - M3)

“Na minha casa, eu planto e tenho uma pequena horta em vasos. Separo todo o meu lixo (reciclável e orgânico), tenho minhocário e recolho água de chuva.” (COMUNIDADE - M3)

Como esperado, o Projeto envolveu no ecossistema cerca de quarenta e cinco agricultores que trabalham na área urbana e periurbana de São Paulo e forneceram suas produções para serem vendidas no Ponto de Cultura Alimentar. Cerca de setenta e cinco famílias passaram a ter acesso e a consumir uma variedade maior de opções alimentares (vinte pessoas que apoiaram a operação do Ponto de Cultura Alimentar, cinco que trabalharam na logística e cinquenta que atuam nas hortas urbanas — além de suas famílias, que se beneficiaram dos alimentos depois de cada dia de trabalho). Duzentas pessoas passaram a fazer compostagem comunitária, levando os resíduos para as hortas parceiras. Dezoito pessoas fizeram o curso para aprender e trabalhar na entrega com bicicletas —

A Cidade Precisa de Agroecologia - impacto e potências

somente algumas delas permanecendo, de fato, nesta ocupação. Dez lideranças comunitárias do bairro receberam bolsa-auxílio para participar do curso, e sete outras para serem colaboradoras dos programas do Projeto. Cerca de trezentas e trinta pessoas frequentaram as oficinas e atividades práticas nos pontos do território de cultura alimentar e noventa lideranças comunitárias de toda a cidade participaram e foram influenciadas pelas atividades pedagógicas sobre a transição agroecológica.

nível ambiental impacto para a regeneração

“Espaços estão conseguindo se organizar, adquirir conhecimento sobre as técnicas, gerar ações que contribuem para o meio ambiente e, ainda, gerar renda.” (LIDERANÇA - M2)



A Cidade Precisa de Agroecologia - impacto e potências

“A gente tem que estar sempre ensinando a criançada, o que são aquelas qualidades de árvores nativas e explicando para que serve aquilo ali, aquela sementinha que tem aquela qualidade de árvore, isso é muito importante.” (LIDERANÇA - M2)

“Os temas sobre resíduos, alimentação saudável, empreendedorismo e todo o conteúdo do curso que permeia a relação com o meio ambiente servem de direcionamento para a resolução de problemas socioambientais.” (COLABORADOR - M2)

“Temos potencialidades do território como fonte sustentável de geração de renda.” (COLABORADOR - M2)

“Importante e necessário para que espaços que não têm recursos, mas têm percepção da necessidade de mudança planetária, consigam desenvolver ações.” (LIDERANÇA - M2)

> **conversa**

com **Carolina Guimarães**

Ex-Coordenadora de Projetos da **Rede Nossa São Paulo**, ex-gestora de Projetos da **ONU Habitat BR** e conselheira do **ECOCIDADE**.

Quais os caminhos para o desenvolvimento urbano sustentável?

São Paulo conta com um arcabouço legal extenso, planos nas mais diversas frentes; porém, sua respectiva execução não se sustenta ao longo de mandatos. Ao mesmo tempo, conta com uma população engajada e sociedade civil forte — muitas vezes, mais por resiliência do que por vontade própria. Planos são importantes instrumentos para garantir direitos, mas são meros papéis se não se traduzem em realidade para a população mais vulnerável. Neste sentido, o **ECOCIDADE** reflete os diversos planos da cidade, articulando saberes do território, reforçando, assim, o que a cidade tem de melhor a oferecer.

Como você acha que o ECOCIDADE propõe uma ponte entre políticas públicas e a implementação no território?

São Paulo conta com um arcabouço legal extenso, planos nas mais diversas frentes; porém, sua respectiva execução não se sustenta ao longo de mandatos. Ao mesmo tempo, conta com uma população engajada e sociedade civil forte — muitas vezes, mais por resiliência do que por vontade própria. Planos são importantes instrumentos para garantir direitos,

mas são meros papéis se não se traduzem em realidade para a população mais vulnerável. Neste sentido, o ECOCIDADE reflete os diversos planos da cidade, articulando saberes do território, reforçando, assim, o que a cidade tem de melhor a oferecer.

Nesse sentido, como você vê a relevância da sistematização e manualização de projetos experimentais e prototípicos como o ECOCIDADE para adaptações a diferentes realidades e contextos?

O projeto tem muito potencial de trazer respostas aos grandes desafios das cidades, especialmente do ponto de vista descentralizado e circular. E pode servir como laboratório para uma versão ampliada com respostas e caminhos mais estruturados. Do projeto, nascem novas perguntas que podem instigar caminhos mais sustentáveis.

ECOCIDADE em números

As nove hortas parceiras do Projeto somam, atualmente, uma área de cerca de **7.000 m²** nos bairros Jardim Damasceno, Jardim Guarani, Jardim Paulistano, Eliza Maria e Vila Terezinha, no distrito da Brasilândia.

Ao longo do Projeto, mais de três mil mudas foram plantadas nos espaços produtivos. Juntas, possuem a capacidade média de produzir cerca de **400 kg** de alimentos por mês — hortaliças, frutas e legumes, além de plantas medicinais e temperos.

O Ponto de Cultura Alimentar comercializou e doou para os colaboradores do Projeto um total de oitenta e cinco cestas de alimentos orgânicos e cento e trinta e três “quentinhas”.

Quatro hortas possuem sistemas de compostagem comunitária, com capacidade total de sete mil litros. Para esta logística, foram distribuídos duzentos baldinhos para os participantes e a população do entorno, para a coleta de resíduos orgânicos das casas.

O Coletivo VivaBike, responsável pela ciclo entrega dos alimentos e dos insumos para compostagem do Projeto de novembro a abril de 2022, rodou **187 km** — **36%** da demanda de entrega do Ponto de Cultura Alimentar e **64%** para o comércio local — e contribuiu para a mitigação ao colapso climático, poupando 0,24 toneladas de CO².

A Cidade Precisa de Agroecologia - impacto e potências

alcance dos objetivos

1. fortalecer as redes comunitárias e de microempreendedores

De acordo com os participantes, o Projeto contribuiu muito para este fortalecimento, conectando pessoas que, antes, estavam atuando isoladamente, favorecendo trocas de conhecimento e de apoio mútuo.

“O Projeto significa o fortalecimento de redes. Muito importante, muito potente, ainda mais em territórios empobrecidos como este em que a gente se encontra. O mais importante é pensar que estamos fazendo coisas na região e também para a região, e que isso incentiva as pessoas da região a abraçarem mais seu território e não só gente de fora.” (COMUNIDADE - M3)

2. descentralizar a distribuição de alimentos, para que a produção fique no local de produção

Com as ações do ECOCIDADE, a produção tem ficado naturalmente no próprio bairro, através da confecção de “quentinhas” e da venda de cestas e feira livre. O cultivo das hortas traz um empoderamento que fortalece o indivíduo e o grupo social ao qual pertence.

“Antes eu ia uma vez na semana, com mais três pessoas, sem muito dinheiro... o projeto ECOCIDADE ensinou a plantar outras coisas, formar uma composteira, receber crianças... Para nós, é um hobby que está se tornando mais gostoso. Estamos vendo que podemos vender alguma coisa ... O prazer está sendo maior. Estamos tendo mais participação da vizinhança e estão respeitando mais o espaço...” (LIDERANÇA - M3)

3. aumentar a capacidade produtiva

Isto se reflete diretamente no aumento de oportunidades de trabalho e renda. Colaboradores ligados diretamente ao cuidado com as hortas reconhecem o aumento da produção com a implementação das técnicas de cultivo e incentivos propostos.

“Com o projeto, várias hortas que já existiam antes começaram a se desenvolver mais e produzir mais verduras.” (COMUNIDADE - M2)

“Conseguiram ajudar financeiramente alguns projetos, dando um input. Graças ao Projeto, a gente conseguiu o dinheiro para fazer o transporte da terra, das mudas.” (COLABORADOR - M3)

4. favorecer uma logística circular de forma ampla

Os participantes do Projeto entendem que existe uma logística circular que começa nas hortas, passa pelas cozinhas e cestas, pela compostagem dos resíduos orgânicos e pelo esquema de entregas.

“A sobra vai pro lixo, e deveria se fazer o quê? Voltar pro ciclo, que é o que a gente propõe aqui. É você pegar a sobra do resto de feira e alimento das casas, hortaliças, frutas e outros, e trazer pra cá (horta). Esse restinho vai pra composteira. É isso que alimenta o solo, que alimenta a terra, e que vai gerar mais alimento.” (COLABORADOR - M2)

5. melhorar a qualidade de vida da comunidade participante

O Projeto está contribuindo não só com a mudança de hábitos alimentares, mas também com a criação de um ecossistema de colaboração, possibilitando a oferta de trabalho e a geração de renda.

“Parece bem interessante, afeta a população que está numa situação de maior vulnerabilidade com a possibilidade de trabalho, melhor alimentação também.” (COMUNIDADE - M2)

O impacto do Projeto consiste na sensação de bem-estar dos participantes a partir da produção de

alimentos saudáveis, sem agrotóxicos, e da união das pessoas e iniciativas. As conexões entre diferentes pessoas e iniciativas que têm sede de conhecimento e aperfeiçoamento não só melhoram a qualidade de vida no bairro, mas também a autoestima dos participantes. As mensurações apontam que o Projeto iniciou um processo que demonstra ter muito potencial para ser ampliado e continuado, deixando como legado a maior autonomia dos envolvidos, demonstrando, na prática, como a proposta pode funcionar.

“...trazendo autonomia alimentar e conhecimento para as pessoas, dando um pontapé inicial para as pessoas. É um trabalho muito poderoso.” (COLABORADOR - M3)

“O que vai ficar de concreto são as pessoas que estão se propondo a fazer um processo de continuidade, através da articulação de um fórum ou de uma associação de pequenos agricultores da Brasilândia ou da Noroeste... São coisas que a gente quer continuar e ter essa perspectiva, esse desejo de dar continuidade.” (COLABORADOR - M3)

“O Projeto plantou uma semente, que precisa ser mais alimentada, porque o processo do conhecimento e do aprendizado não se dá assim. É um processo contínuo de formação, e as pessoas que adquiriram esse conhecimento vão se tornar multiplicadoras para ir ampliando. O Projeto veio com a ideia de juntar as pessoas, respeitando o conhecimento de cada uma, mas trazendo informação, com algumas técnicas que, para o saber popular, é muito bom.” (COLABORADOR - M3)

A Cidade Precisa de Agroecologia - impacto e potências

As entrevistas demonstram um desejo de que o Projeto continue por mais tempo e de uma coimplicação das pessoas envolvidas, dispostas a se envolver em atividades mais administrativas e de organização da proposta – como constituir um conselho participativo no território, implantar mais hortas, coordenar projetos de educação ambiental, realizar trilhas no território, participar do coletivo de entregas, gerir a plataforma digital, atuar na compostagem local e no coletivo de cozinha.

“Acho que o Projeto veio para ajudar os trabalhos que já estavam sendo desenvolvidos aqui na Brasilândia (...) Se a proposta era essa, acho que atingiu o objetivo, e nós vamos dar continuidade.” (LIDERANCA - M3)

“É preciso manter o Projeto por mais tempo, para se solidificar dentro das pessoas e elas poderem tocar sozinhas. As pessoas precisam fazer as hortas nas suas próprias residências; o Projeto deve ensinar os moradores a fazerem cultivo das suas próprias hortas orgânicas.” (COLABORADOR - M3)

“O que eu tenho pra dizer é que não sei como vai terminar. Vou ficar com saudades e espero que eles continuem fazendo alguma coisa, insistindo com a gente... Eu espero que eles tenham mais alguma coisa pra comunidade, até a gente ficar mais forte no trabalho... Eu gostaria!” (COLABORADOR - M3)

> **conversa**

com **André Biazoti**

Gestor ambiental com foco em agroecologia, integrante do **Instituto Polis**, membro do **Conselho de Desenvolvimento Rural de São Paulo** e conselheiro do **ECOCIDADE**.

Que impacto as hortas urbanas geram nas dinâmicas da cidade? Como você vê o processo de legitimação do direito de existir desses espaços na cidade?

O primeiro impacto está justamente relacionado à questão da segurança alimentar e nutricional. Cada espaço tem o seu arranjo, mas um impacto direto é o de possibilitar um espaço onde verduras são produzidas e comercializadas sem uma grande necessidade de logística. É um circuito curto e impacta diretamente nesse acesso ao alimento fresco, e também na qualidade da alimentação da população daquela região de forma geral. Também tem um impacto importante em termos da paisagem. O contato com a Natureza é um refúgio terapêutico. São espaços verdes na cidade — você diminui ilhas de calor, aumenta a permeabilidade do solo, garante um espaço para fauna e flora, tem um espaço livre ali que, de alguma forma, pode ser usado para fins recreativos... Acho que isso tem uma importância nesse nível mais regional e macrorregional, de zoneamento mesmo, especialmente em áreas que normalmente são muito populosas. Um outro impacto é em termos de geração de renda para as pessoas que estão ali. Ter uma horta lá acaba virando um negócio que pode gerar renda para as pessoas e melhorar a situação de vida delas. E tem uma escala que é mais individual, da pessoa que se engaja; ela talvez se enxergue ou enxergue o passado dela que, de repente, começa a ter uma importância maior. É uma questão de identidade, do resgate da cultura enquanto cultura alimentar, e da pessoa se sentir enraizada naquele território, apropriando-se daquele território — e

aí também com um desejo maior de defendê-lo. Mas uma horta, mesmo que seja um espaço cedido, aquele espaço começa a virar da pessoa. Então, eu acho que tem esse aspecto também de fomentar uma certa atuação política das pessoas, de defesa do seu território, de querer melhorar aquela região.

Acho que tem uma batalha pelo direito à cidade, de produzirem a cidade, de cuidarem de um espaço e serem reconhecidos juridicamente como responsáveis por aquele espaço que cuidam. Primeiro, tem um caminho que é a organização social e política desses grupos, deles estarem mais articulados e conseguirem fazer reivindicações que sejam mais assertivas. Um outro caminho é que a prefeitura tem algumas experiências dessa questão de parceria público-social, principalmente na área da cultura. Dentro do urbanismo, tem o “Adote Uma Praça” e os termos de cessão de uso, e a Lei de Gestão Participativa de Praças, que nunca chegou a ser implementada.

A gente deve lutar para construir novas políticas públicas onde estes arranjos sejam minimamente considerados, estudados, avaliados, para se poder avançar. Eu acho que outro caminho é o de construir legitimidade social; então, é ganhar um pouco essa força do poder político a partir da relação que o grupo tem com o bairro, com as pessoas do entorno, com a própria opinião pública.

Outra possibilidade é fortalecer os espaços participativos de construção política, e que os conselhos que lidam com a temática de agricultura tenham mais força na decisão

sobre implantação, regularização de espaços, porque é um lugar onde você tem uma relação entre poder público e sociedade civil — e são espaços que têm sempre muita qualificação técnica para poder fazer relatórios de análise. Eles poderiam muito bem assinar junto com a subprefeitura uma responsabilização coletiva para que uma certa horta seja reconhecida, por exemplo... Então, acho que é bom fortalecer os conselhos enquanto espaços de análise; os conselhos também têm que participar, opinar, ter uma voz nesse processo, para garantir que, justamente onde hoje a gente só tem negativas, possamos ter uma análise um pouco mais pactuada. O técnico tem que ser ouvido, mas também a sociedade civil, também outras pessoas que são conselheiras, que de alguma forma auxiliam na gestão do território. Todo mundo tem que poder opinar se ali deve ter uma horta ou não, e como deve ser a regularização dessa horta.

Como você acredita que as hortas urbanas podem contribuir para o desenvolvimento econômico e social dos territórios? Como contemplar o ciclo do sistema alimentar local visando a geração de renda?

Acho um pouco do que vocês já vêm estudando no ECOCIDADE. Assim, creio que uma horta não é só uma horta, ela envolve uma série de outras questões que têm a ver com o processo de construir sistemas alimentares curtos, justos, baseados no território, pautados nas realidades locais. Você consegue pensar, a partir da horta

ou do alimento, de forma mais ampla, outros arranjos produtivos e comerciais. Pode ter um que pega produtos de várias hortas para vender, pode ter o coletivo de entregadores que faz entregas de cestas, pode haver o restaurante associado, é possível ter o artesanato também, e aí você começa a gerar uma série de outras possibilidades de geração de renda no local, com um potencial muito grande.

Agora, também existe essa dificuldade de pensar tanto a partir do local como numa escala um pouco maior, em nível regional. Acho que é um pouco a dificuldade que vocês tiveram no projeto. Se você olha muito a partir de uma localidade, tenta construir ali elos e processos, mas tem uma dificuldade tremenda, porque existe uma realidade mais ampla que acaba sendo mais complexa — de falta de apoio para agricultores, de uma lógica de emprego e renda muito pautada em grandes empresas e negócios, que recebem sempre muito mais benefícios. Acho que a partir do momento que você olha a partir de uma escala regional, de uma escala municipal, e compreende a agricultura enquanto um fator importante de desenvolvimento para certos territórios, é possível estruturar um pouco melhor em termos de desenvolvimento econômico. Eu acho que o Damasceno, por exemplo, é um lugar que se a Prefeitura olhasse para as experiências de agricultura ali e pensasse uma forma de apoio mais direto, seria uma região que iria crescer muito. A gente vê a importância de ter uma casa de agricultura, uma associação estruturada, o quanto que eles estão conseguindo acessar feiras, grupos de consumo, diferentes mercados, fomentar o próprio artesanato...

Qual o maior desafio dos territórios periurbanos? E a maior potência? Qual a importância da relação da cidade com a floresta?

Eu tenho percebido que o principal desafio que a gente tem nessas áreas é a questão do acesso à terra. A gente tem, nessas áreas mais periféricas, primeiro, uma ausência do Estado muito grande, e há uma presença muito grande de um estado paralelo, que favorece atividades ilegais. Então, você tem ocupação de áreas ilegais, um espaço de conflito muito grande, e os agricultores muito à mercê de todos esses processos.

Um outro desafio acaba sendo essa própria lógica urbana, de que a agricultura deve desaparecer, quanto também essa lógica preservacionista de que a agricultura é depredadora do meio ambiente e deve ser excluída. Na Zona Norte, tem um pouco dos dois; acho que tanto este ímpeto de urbanização ilegal subindo a Serra, como também o Parque, que pressiona para que aqueles agricultores saiam de lá. Quando, na verdade, os agricultores fazem ali uma faixa que impede muitos impactos de chegarem no Parque. Em termos de potencialidade e oportunidade naquela região, é justamente reconhecer que a agricultura tem esse poder de zona de amortecimento para essas áreas preservadas.

Para mim, a agricultura tem essa possibilidade de conexão a partir da questão alimentar. E, a partir dela, você abre muitas frentes de trabalho, de desenvolvimento, que vão desde a educação nutricional até a compostagem de resíduos. O

alimento acaba sendo um elo agregador de uma série de políticas públicas que hoje estão dispersas em diversas Secretarias diferentes. Não basta só dividir a cidade em zonas específicas com certas atividades, mas entender também os fluxos dessa cidade,

O Projeto trouxe um olhar fundamental, porque ele buscou engajar-se nessas diversas entradas e olhar para a complexidade do ciclo como um todo. É um projeto que ousou e se desafiou a olhar para a complexidade e trazer vários elementos. Eu queria muito que a Prefeitura atuasse também desta forma, a partir da complexidade.

construindo um território de cultura alimentar

O Projeto ECOCIDADE - A Cidade Precisa de Agroecologia teve como propósito contribuir para conectar e impulsionar iniciativas ligadas à agroecologia e à organização comunitária no bairro da Brasilândia. Acreditamos que o objetivo do Projeto, de ativar o conceito de um bairro circular a partir da vertente agroecológica, é um processo contínuo, de criação de uma cultura alimentar saudável e sustentável que liga quem produz a quem cozinha, entrega, consome e descarta os resíduos - quando a comida gera comida, fechando um ciclo virtuoso na escala do bairro.

O Projeto foi pensado e viabilizado a partir das iniciativas preexistentes no bairro: as lideranças comunitárias que envolvem os vizinhos e fortalecem o tecido social; os agricultores urbanos no cultivo diário e na salvaguarda da biodiversidade humana e não humana; os mais velhos, engajados na luta pelo direito a uma cidade circular e regenerativa; os jovens, instigados a poder ficar e melhorar o bairro onde moram e onde se sentem pertencentes; as crianças, com o frescor e a sede por aprendizado; os agentes de saúde e de assistência social, que capilarizam os conhecimentos no território. Cada um deles tem seu papel nesse ecossistema - catalisado e fortalecido através das ações do ECOCIDADE.

construindo um território de cultura alimentar

Ao viver a fase final do Projeto, nós, do A Cidade Precisa de Você, temos muito o que comemorar. Apesar do pouco tempo, considerando o objetivo macro almejado – de tornar o sistema alimentar da Brasília circular e regenerativo – os embaixadores locais da proposta saem fortalecidos, assim como o tecido social do bairro – munidos de ferramentas, com relações e vínculos mais estreitos, e com mais razões para continuar o caminho que já vinham trilhando. Atores que abraçaram a ideia de uma ECOCIDADE e se tornaram multiplicadores da proposta. Pessoas que são referência nos territórios onde habitam e atuam, sustentando pontos com uma unicidade e potenciais distintos que, ao se conectarem em rede, possibilitam a criação de um Território de Cultura Alimentar.

Entendemos que, apesar da pequena escala, a proposta foca em um desafio frequente, que é a conexão entre objetivos de políticas públicas e sua implementação com aderência local. E que, mais do que criar soluções megalômanas, traz, em cooperação com o território e em uma escala tangível, bons resultados, principalmente quando considerado seu potencial em rede. Entre o “bottom-up” e o “top-down”, o que nos instiga é construir essa articulação, esse espaço “entre”, essa ponte. Fomentamos, assim, a cooperação entre os cidadãos, suas potências, e a administração pública e suas metas sobre assuntos urgentes, como é a produção e consumo de comida saudável e responsável na cidade, especialmente em áreas vulneráveis.

É evidente que existem múltiplos desafios, como o diálogo direto com a subprefeitura e a multiplicidade de escalas das instâncias do poder público, reconhecendo os protocolos e espaços das demandas. A interlocução com técnicos e equipes contratados pelo poder público é fundamental no apoio em diversas formas – em assessoria técnica para o manejo do espaço, no acesso a insumos, na implementação das infraestruturas necessárias, na criação

SAÚDE E AMBIENTE

CULTURA ALIMENTAR E ARBORIZAÇÃO | MÓDULO 2

SANEAMENTO

SERVIÇOS ECOSISTÊMIOS

ALIMENTO: USO INTEGRAL

QUALIDADE DA ÁGUA E DO SOLO

CULTIVO

ECOCIDADE

de protocolos claros de gestão, além da regularização e institucionalização das práticas e espaços através de projetos de lei, portarias, etc.

Para que haja perenidade das iniciativas, é importante que o poder público fortaleça a iniciativa cidadã e popular na criação de outros espaços de apoio, investimento e fomento, mas também através da implantação e ampliação de políticas existentes: o Programa Operação Trabalho – POT, que oferece bolsas-auxílio para o trabalho em hortas e viveiros urbanos; as compras públicas das creches de produtos da agricultura familiar e local; o projeto de lei de gestão de resíduos por meio de cooperativas de catadores (que poderiam, além de realizar a gestão dos recicláveis, fazer também a gestão dos resíduos orgânicos por meio de pátios locais de compostagem); a própria Casa do Agricultor, que oferece ferramentas, equipamentos e maquinário apropriado, utilizados pela patrulha agrícola para dar apoio aos agricultores; e, por fim, o Programa Ambientes Verdes Saudáveis, que apoia as iniciativas comunitárias a partir de uma perspectiva de saúde integral, do corpo e do ambiente habitado.

Além da postura de incentivo do poder público, a criação de uma cultura de cidadania ativa na sociedade em geral é fundamental. A mobilização de pessoas para colaborar nas iniciativas é sempre um desafio, exigindo criatividade nas estratégias de comunicação acerca do projeto e das iniciativas locais para o engajamento dos vizinhos. As relações e retorno do território são sempre imprevisíveis e trazem desafios inerentes — ainda mais, é claro, dentro de um cenário pandêmico no qual o Projeto se desenvolveu. A nossa intenção é que a comunidade local se aproprie do que foi coconstruído, fortaleça a si própria com trocas e relações solidárias, dando continuidade às propostas, mas também adaptando-as em relação ao contexto mutante e

expandindo-as a partir da multiplicação das ferramentas e conteúdos absorvidos, capilarizando no território outra cultura alimentar e outro modelo de desenvolvimento, local e sustentável.

Neste sentido, muitas outras iniciativas cidadãs, além das vivenciadas na Brasilândia, operam em diversos territórios da cidade de São Paulo e têm muito o que trocar também em nível nacional e latino-americano. As respostas locais são múltiplas e criativas: o uso e ocupação de terrenos ociosos ou subutilizados, oferecendo atividades de interesse público e cumprindo a função socioambiental da propriedade; tecnologias sociais de organização e gestão comunitária de atividades, como hortas urbanas agroecológicas; iniciativas de trocas de sementes crioulas; galpões de comunidades que sustentam a agricultura e feiras livres de alimento fresco e orgânico; cozinhas comunitárias; praças com compostagem local; cooperativas de entrega justa; e bairros que instalam de forma participativa suas infraestruturas ecológicas. Estas tecnologias vêm sendo desenvolvidas por uma diversidade de atores, coletivos e organizações, e é do interesse de todos que sejam sistematizadas e apropriadas por cada território, multiplicadas em uma diversidade de formatos e linguagens.

O Projeto traz aprendizados, principalmente no que diz respeito à organização das metas que se desenham coletivamente e como elas vão se adaptando com o tempo, a partir da compreensão das intenções iniciais e do que é possível em cada momento, diante dos recursos disponíveis a cada circunstância. Para isso, é fundamental o constante acompanhamento e monitoramento, e ir abrindo espaço para autonomia da comunidade local, para que a mudança de percepção torne-se mudança de hábito — ou seja, que a consciência socioambiental torne-se ação. Atribuir

construindo um território de cultura alimentar

aos encontros ritmo, frequência, criar corpo — um corpo coletivo, que opera de forma cooperativa e que possui objetivos comuns.

Encerramos este capítulo das nossas atividades na Brasilândia felizes com os resultados, os experimentos coletivos, os avanços territoriais e políticos, e sempre com os olhos nos próximos passos, entendendo que, mais que um projeto, o ECOCIDADE foi e é um processo. Nossa intenção é que possamos ser parceiros relevantes para o desenvolvimento da Zona Noroeste da cidade de São Paulo, mas também no desenvolvimento do conceito de Bairros Circulares a partir da agroecologia, passível de ser adaptado não só nas áreas periurbanas de São Paulo, mas também em outros territórios com desafios similares, no Brasil ou em outros países.

Finalizamos esta publicação agradecendo a todos que fizeram esta vivência possível, construindo esta comunidade de aprendizagem que, esperamos, cresça e se fortaleça a cada troca, enraizando-se nos territórios, práticas e economias urbanas.

> **conversa**

com **Walter Figueiredo de Simoni**

Ex-coordenador de **ICS (Instituto Clima e Sociedade)**, atualmente diretor de articulação no **Instituto Talanoa** e conselheiro do **ECOCIDADE**.

O que você entende como transição justa e como, na sua opinião, o ECOCIDADE se alinha com ela?

“Transição justa” foi uma das grandes expressões que saíram lá de Glasgow e, mais do que isso, acho que a transição justa vai ser um dos principais temas da COP-27 e de qualquer discussão que teremos à frente. Hoje, a gente não discute mais mudanças climáticas sem necessariamente discutir transição justa, mas transição justa continua sendo aquele tipo de conceito que cada um enxerga de uma forma diferente. Eu vou te dar a minha definição. Ela parte do seguinte: você consegue fazer uma transição corroborando e fortalecendo questões sistêmicas. Uma visão de transição justa aplicada a uma descarbonização de um transporte de passageiros, por exemplo, olharia para o transporte público, e não necessariamente só para eletrificação de carros, como acaba acontecendo bastante. Então, a transição justa acaba sendo uma visão, uma forma de ler e entender as opções que você tem, adicionando a isso que você também tem que reduzir desigualdades, melhorar a qualidade de vida e olhar os impactos sociais das escolhas que faz. Quando a gente olha um projeto que trabalha a parte de alimentação, especialmente no momento pelo qual o Brasil passa, isto está muito presente. É sobre a gente poder mobilizar e criar sistemas que não só estarão reduzindo a emissão de gases de efeito estufa, mas que também vão criar benefícios sociais reais e tangíveis, que não são somente mensuráveis em toneladas de CO², mas que também são mensuráveis em formas palpáveis

humanas. Eu acho que isso está relacionado à visão da cidade que se propõe, com um olhar acolhedor, que seja mais compatível com uma sociedade justa.

A gente vê o ECOCIDADE como um projeto que tenta fazer uma ponte entre políticas públicas e a implementação em um território. Como você vê essa ponte a partir das ações que realizamos até agora e o potencial do projeto em seguir fazendo isso?

Acho importante você poder fazer o famoso “walk the talk”. Você, de fato, sair de um ambiente teórico e partir para um ambiente prático de implementação real, de um piloto e de soluções tangíveis, e começar a discutir, debater e entender como que elas podem ganhar escala, este é o pulo do gato, é prototipar. Daí, ou cabe dentro de uma política pública existente — e daí é aquela questão: “como é que a gente sai de um e vai para cinco, como que sai de cinco e vai para vinte e cinco desses casos” — ou você fala: “olha, para que isso aqui consiga criar raízes de verdade, para que possa ser replicado, a gente precisa moldar a legislação ou algum tipo de governança que existe no território. De fato, precisa passar um projeto de lei que permita que isso aconteça”. Então, eu acho que há estes dois caminhos: tanto de você ter um olhar diferente para a política pública vigente e

poder questioná-la, ou propor algo, apresentando “a gente consegue fazer isso mais vezes, consegue replicar isso em vários lugares. Aqui está um pouco do processo, do passo a passo, de como a gente pode pensar isso aqui em outros lugares”.

O ECOCIDADE é uma tentativa de trazer justiça ambiental com e para espaços vulneráveis da cidade, em uma escala pequena. Tem algo a dizer sobre isso?

A gente frequentemente insiste em pensar em grandes soluções. E este tipo de pensamento fez com que tivéssemos problemas de larga escala na nossa sociedade, como ela é hoje — esta ideia de que a gente tem essas soluções que podem ser iguais para tudo quanto é lugar — mas não é assim que funciona. A gente tem que entender como fazer de forma sistêmica, como permitir que soluções possam existir de baixo pra cima, dentro de redes que possam ser replicadas, uma vez adaptadas. A própria insistência em que isso não seja local é, em grande parte, a causa dos nossos problemas. Eu acho que é importante que a gente consiga construir soluções a partir do território, para o território, sobre coisas que são pertinentes para as pessoas que vivem ali. Territorializar o debate climático é um dos principais desafios que a gente tem.

Outras duas coisas que faltam na política climática brasileira são a intersectorialidade e a transversalidade, em como a

gente constrói e implementa e depois monitora — e, portanto, mantém essa política viva. Por um lado, a gente tem que ter vários setores conversando para criar uma mesma solução, e aí pode ser agricultura conversando com transporte, com assistência social. Mas a transversalidade tem que trazer os grupos que são afetados, que precisam de soluções. Essas pessoas têm que participar da construção dessa solução por uma série de razões. A primeira é que elas sabem o problema que têm — então, acho que elas têm que ser uma parte importante. A segunda é que o sucesso de uma política pública não é de quem assina uma lei e um decreto, e a gente sabe disso. Quem vai manter ela viva são as pessoas que vão se beneficiar e lutar por ela, dialogando com ela no seu cotidiano. É fundamental que as pessoas participem. Tem que ter o técnico, o cientista, o formador da política pública, o político e a população no local — todas as partes têm que estar juntas, ter assento na mesa, estar olhando olho no olho, poder construir juntas, entendendo que cada um tem uma coisa a contribuir para chegar numa solução. A participação da população, especialmente da população mais vulnerável, é absolutamente fundamental, até por um ponto de vista democrático, algo que o Brasil precisa com urgência.

Brasilândia Circular

uma proposta de desenvolvimento local sustentável e integrado

Brasilândia Circular é uma proposta do A Cidade Precisa de Você, de um modelo de desenvolvimento local e sustentável que visa, na escala do bairro, ser um catalisador de diversas iniciativas no território, sejam elas “de baixo para cima” ou em cooperação com o poder público. A ideia desta integração de iniciativas de pequena escala é que, conectando projetos múltiplos e criando redes, fomentando o compartilhamento de conhecimento e valorizando os espaços públicos, incremente-se o desenvolvimento local sustentável e a inovação cidadã, mirando fechar ciclos localmente. A chave proposta para este modelo de desenvolvimento comunitário local sustentável integrado é a conexão de iniciativas, atrelada à qualificação e cogovernança de espaços públicos, como praças e parques.

Por trabalharmos há muitos anos e em parceria com diversas iniciativas do território da Brasilândia, de maneira policêntrica

brasilândia circular

e com temáticas complementares. A Brasilândia é o primeiro bairro onde concentramos nossos esforços para prototipar esse modelo, que conecta atores, iniciativas e potências, adquirindo complexidade à medida que são adicionadas camadas temáticas ao longo do tempo. O modelo de bairro circular proposto propõe articular fragmentos urbanos, saberes culturais e iniciativas locais em um novo sistema de organização e conexão, estabelecendo uma rede interconectada de ações que formam parte de um sistema integral e equilibrado de lógica circular.

A partir da análise de uso dos espaços públicos locais e do mapeamento de iniciativas locais, buscamos identificar necessidades, desafios, singularidades e potencialidades, de modo a desenvolver um planejamento integrado para uma abordagem sistêmica. Em nossa ação podem incluir-se: assistências técnicas para espaços urbanos inovadores; redesenho ou criação de infraestruturas; formação de capacidades; identificação e desenvolvimento de modelos de negócios sustentáveis; qualificação de espaços; desenhos de acordos de cogovernança e sua articulação, entre diversas outras possibilidades que somam na composição de uma rede social, cultural e econômica, que envolve atores diversos — como lideranças comunitárias, cidadãos, iniciativas privadas, OSCs, decisores políticos e a Academia. Miramos entender e formular quais são os modelos contratuais ideais para o desenvolvimento da economia circular no espaço público, como apoio à utilização deste planejamento integrado, criando uma abordagem sistêmica passo a passo, um modelo alternativo à concessão.

Como parte da Brasilândia Circular, o projeto ECOCIDADE tem um papel fundamental, tratando da circularidade local de um sistema alimentar mais justo. Soma-se a ele, em coordenação, o Projeto de Intervenção Praça Marielle, no qual se trata da qualificação e desenvolvimento do plano de cogovernança de uma praça também na Brasilândia, tendo como tema a educação ambiental e o tema dos

resíduos inorgânicos, e o projeto Brincando com Confiança, que propõe a apropriação lúdica dos espaços públicos com segurança em relação à pandemia da Covid 19. Estas iniciativas, articuladas a partir de diferentes polos do território, atuam como rede de fortalecimento do sistema cooperativo local.

Temos convicção de que a ideia de circularidade tem um grande potencial para superar desafios relacionados à sustentabilidade de uma melhor vida nas cidades e de uma transformação justa da sociedade.

Nosso objetivo é adicionar mais camadas de ação e articulação no território da Brasilândia, dando suporte ao aprendizado mútuo entre atores, grupos e centros locais, fortalecendo os sistemas circulares e sustentáveis do bairro.

Com o modelo de bairro circular, pretendemos:

- conectar e integrar projetos do território, fortalecendo redes e incrementando a troca de conhecimento;
- melhorar a qualidade de vida no bairro e qualificar seus espaços públicos;
- fomentar o desenvolvimento local sustentável e a inovação cidadã;
- fortalecer a capacidade comunitária para a criação e implementação de uma visão sobre o bairro.



> **conversa**

com **Nathalie Badaoui**

Urbanista, Gerente Senior para Ação Climática Integrada no **WRI Ross Center for Sustainable Cities**, ex-coordenadora da Estratégia de **Advocacy do C40 Cities** em transição justa e conselheira do **ECOCIDADE**.

Como os ciclos curtos e o desenvolvimento local podem ser soluções para mitigar a emergência climática?

Ciclos curtos e o desenvolvimento local devem ser avaliados pelo seu impacto no desenho e expansão da cidade. Em uma cidade nas proporções de São Paulo, ciclos curtos não serão a panaceia para a redução de emissões relacionadas ao consumo de alimentos e materiais. No entanto, podem mudar a maneira como planejamos os principais sistemas e ecossistemas da cidade. Trata-se de repensar o transporte de bens e pessoas – que em uma cidade como São Paulo são fundamentais para a redução de emissões. É também repensar nossa expansão urbana e manutenção dos serviços ecossistêmicos essenciais para nossa cidade. Atividades que valorizam nossos ativos ambientais são essenciais para um crescimento mais sustentável, justo e equitativo.

Na sua opinião, quais os caminhos para alcançar a justiça social e climática?

As soluções para a emergência climática apenas serão efetivas e política e socialmente aceitáveis se contribuírem para desenvolvimento urbano inclusivo e equitativo. Nas cidades em desenvolvimento, sobretudo, é preciso garantir que as transformações radicais necessárias para a redução

de emissões e aumento da resiliência não onerem os mais vulneráveis. A justiça climática requer ação deliberada e um novo paradigma de governança, gestão e financiamento das políticas urbanas para que a redução de desigualdades e o acesso a novas oportunidades pelas comunidades mais impactadas sejam a prioridade.

Para isso, é preciso, primeiramente, cocriar soluções junto a essas comunidades que respondam aos desafios sociais, econômicos e ambientais presentes e futuros. É preciso combinar oportunidades de desenvolvimento econômico e social com a preservação dos ecossistemas que são essenciais para o bem-estar local e planetário. Essa cocriação traz junto à comunidade o poder público, a sociedade civil, trabalhadores informais, academia e setor privado.

Em segundo lugar, a gestão da cidade precisa ser pensada de maneira integrada para que essas soluções sejam institucionalizadas nos principais instrumentos de planejamento e gestão territorial. E por último, o financiamento dessas soluções requer um redirecionamento do orçamento para projetos integrados e novos modelos de negócio inovadores que complementem os recursos públicos. E o projeto ECOCIDADE é um exemplo de como avançar em cada um desses três passos.

Considerando o futuro das cidades, qual a potência dos espaços públicos (e uma ação micro) para uma mudança macro?

Os espaços públicos são o espaço de encontro, de conflito e solução e para problemas complexos nas grandes cidades. A pandemia não somente nos lembrou a importância desses espaços para o bem-estar dos residentes urbanos, mas também evidenciou as grandes desigualdades em termos de acesso.

O acesso a áreas verdes é um exemplo dessas desigualdades. Áreas verdes não são apenas locais de lazer, mas também essenciais para aumentar a capacidade de adaptação à inundações, ondas de calor e a qualidade de vida de seus entornos. Esses espaços são muitas vezes escassos nos bairros da cidade que mais sofrem com os impactos das crises sanitária e climática.

Uma ação localizada, em um espaço de uso comunitário – como no caso das hortas comunitárias do projeto ECOCIDADE – traz mudanças na percepção da comunidade sobre os espaços públicos e pode catalisar ações em escala para outras regiões da cidade. Ao combinar o uso de espaços públicos com oportunidades de capacitação e geração de renda, o projeto mostra que esses espaços trazem múltiplos benefícios para a comunidade, reforçando a importância de investimentos nesses espaços.



cronologia: a atuação do Instituto A Cidade Precisa de Você na Brasilândia

2017

Passeio Urbano Brasilândia

Local: Jardim Damasceno

Passeio urbano com o urbanista Martin Kohler, curador do projeto HAFENSAFARI (2009), atravessando a cidade de São Paulo rumo às bordas, onde o concreto encontra a mata.

2018

II Festival A Cidade Precisa de Você

Local: Jardim Damasceno

Reinaugurando o Parque Linear Bananal Canivete, na Brasilândia, o Festival foi levado àquele espaço. Foram pensadas formas de se construir, brincando, uma cidade educadora.

2018

Escadão Arte na Rua

Local: Jardim Damasceno

Projeto de intervenção de mapeamento afetivo do bairro com os educadores do Centro da Criança e do Adolescente, reconhecendo o escadão como um espaço muito presente no cotidiano dos moradores.

2018

Rolê no Canivete

Local: Jardim Damasceno

Ao longo de 5 meses, foi desenvolvida uma proposta de melhoramento e gestão compartilhada do Parque junto aos frequentadores.

2018

Formação para Educadores CCA Arte na Rua

Local: Jardim Damasceno

Criação de plataformas de aprendizado de cidadania ativa através do uso, ativação e apropriação dos espaços públicos urbanos, com foco nas crianças, através de oficinas como casa dos sonhos, mapas afetivos, expedições fotográficas e placemaking.

2019

Melhorias Ambientais e Gestão Compartilhada no Parque do Canivete

Local: Jardim Damasceno

Concepção e implementação de estratégias para aumentar a produtividade da agrofloresta do Espaço Cultural Jardim Damasceno, bem como o desvio de resíduos, por meio de compostagem e produção de biogás, em parceria com a empresa canadense de consultoria ambiental GBP.

cronologia: a atuação do Instituto A Cidade Precisa de Você na Brasilândia

2020

Eco.Cidade - Um Olhar para a Zona Norte - Sesc Santana

Local: Quilombo da Parada, Movimento Ousadia Popular e Espaço Cultural Jardim Damasceno
Produção de uma série de vídeos, a fim de trazer as vozes de pessoas que trabalham com ações coletivas, inovadoras e de articulação no território da Brasilândia, Zona Norte de São Paulo.

2021

ECOCIDADE - A Cidade Precisa de Agroecologia

Local: diversos espaços públicos e comunitários do bairro
Criação coletiva de estratégias de resiliência para a proteção dos bens comuns globais (clima, água, biodiversidade, terra), através da descentralização da produção e distribuição de alimentos vinculados a centros comunitários e de educação socioambiental, fomento a pequenos negócios socioambientais e o fortalecimento da mobilidade ativa, incentivando o surgimento da capacidade da comunidade para construir um futuro mais justo e sustentável na cidade.

2022

Praça Marielle

Local: Jardim Paulistano

Qualificação da Praça Marielle (Jardim Paulistano), com conscientização ambiental e desenvolvimento de modelo de cogovernança, conectando com a cooperativa de reciclagem recém-criada.

2022

Brincando com Confiança

Local: Jardim Paulistano

Implantação e ativação de três tabuleiros Brincando com Confiança no Espaço Cultural Jardim Damasceno, por meio de parceria por meio de parceria com a LEGO Foundation e com a ChangeX, estimulando a aproximação sociocultural e a discussão de pautas sociais de forma lúdica.

> **conversa**

com **Manuela Colombo**

Diretora executiva da **ONG Livelab**, foi coordenadora de **Políticas Públicas do SEBRAE-SP**, consultora de projetos de impacto social e inclusão produtiva pela **Pearl Consulting** e é conselheira do **ECOCIDADE**.

Quais os desafios na criação de um ecossistema de cooperação?

Na verdade, acho que é um desafio de fortalecimento dos modelos coletivos. Acho que, como um todo, a gente vê que, em territórios diversos, existem pessoas muito potentes, que sabem desenvolver habilidades, que sabem, por exemplo, trabalhar temas como reciclagem, produção de alimentos, produção de orgânicos, cultura... Então, pessoas talentosas, criativas, mas que por atuarem de forma muito “no seu próprio rolê”, no seu próprio dia a dia, com todas as dificuldades que as pessoas têm, acabam atuando de forma muito pontual e, assim, vendendo o almoço para comer o jantar. Neste sentido, o projeto tem um potencial muito grande de unir essas pontas e fazer com que um talento alimente o outro, e esse movimento precisa fazer sentido para que eles queiram continuar conectados (em rede). Então, como é que você ajuda a unir alguém que está envolvido com geração de resíduos a quem fornece alimentos e a quem organiza feirinhas para os moradores locais? Precisa apoiar nas condições para que esse ciclo se auto-alimente, em um ecossistema colaborativo, para formar e fortalecer uma rede que seja mais abundante como um todo.

Mas eu acho que vocês já estão mostrando muitos caminhos, semeando e fomentando as potencialidades. O desafio é que, para as pessoas andarem sozinhas, com autonomia, muitas vezes aparecem dificuldades. Então, como manter esse suporte por um tempo, para ficar “batendo esse bumbo”,

ajudando a criar esses encontros e momentos de reconexão, para que as pessoas se entendam como parte dessa mesma comunidade?

Qual o potencial de renda em territórios periféricos?

O território tem um perfil com maior vulnerabilidade social e econômica, mas isso não significa que não tenha potencial para desenvolver pilares de desenvolvimento local, promovendo um consumo de qualidade e aproveitando os talentos e criatividade locais. E eu acredito muito nesse universo de turismo de experiências locais, produção de alimentos (hortas comunitárias), gestão de resíduos, atividades de arte e cultura, e de programas de formação profissional em parceria com organizações locais, além de outras como Sebrae-SP, SENAC, aproveitando as demandas e necessidades do território e seu entorno.

Sabemos que um ano de projeto é pouco tempo. Quais os desdobramentos possíveis ou impactos que podem ser alcançados, mesmo neste curto espaço de tempo?

Com um retrato do que foi mapeado pelo projeto, do que existe de potente no território, dá para imaginar diversas coisas: utilizar o projeto como um conector, “promotor de pontes”, para abrir portas para oportunidades de capitalmente, patrocínio, financiamento coletivo, conexão com fundações e/ou empresas que queiram investir em economia circular ou em economia solidária (por exemplo). E, em paralelo, também pensar em programas de continuidade que tenham conexão para garantir um projeto de prazo mais longo, inclusive com o poder público (de forma a institucionalizar políticas públicas).

Sei que há muitos desafios, mas imagino que, atuando de forma mais estratégica, coletando dados relevantes e histórias emocionantes do lugar, é possível buscar essas oportunidades, pensando muito em como não fazer um voo de galinha e, sim, aquele voo de águia, que vê o todo e não vai tentar atirar para todo lado... Fazer algumas escolhas prioritárias e distribuir ferramentas de apoio para a comunidade local seguir de forma mais autônoma no operacional.

O melhor é prototipar, ir sentindo e deixar as ações acontecerem, testar o piloto para medir impacto, considerando

métricas viáveis e possíveis.. E vai ter erro, mas sempre terá muito aprendizado. Eu acho que são caminhos incríveis que vocês estão trilhando. Trabalhar a comunicação e transparência com relação ao andamento do programa e medir o impacto de cada iniciativa (existem pesquisadoras autônomas e plataformas que podem ajudar) é importante para também divulgarmos o poder de transformação desses projetos de forma mais ampla.

a cidade que queremos

“Nós somos Natureza, somos parte, não admiradores. Acho que os bairros periféricos, principalmente, podem crescer no sentido de território educador. Eu sou educadora e queria que as pessoas dos nosso bairros periférico pudessem se entender como sujeitos periféricos e conseguir resgatar os aspectos culturais, ambientais, históricos do seu bairro. E ao fazer isso, resgatar a potencialidade que esses bairros têm, gerando renda dentro desses bairros, sem precisar ir para o centro. Para que as pessoas, nós, tenhamos qualidade de vida. Então, acho que a cidade que eu imagino, que eu gostaria, é que os bairros se tornassem de fato territórios educadores, resgatando essas potencialidades.”

Bruna Macedo, participante do curso comida | justiça |
cooperação

“O lugar em que eu desejo viver é um lugar que acolha e partilhe as necessidades básicas de toda a população; um lugar de escuta e diálogo, a partir das relações; um espaço que valorize as diferentes formas de locomoção, com mais espaço para as crianças brincarem, que tem acesso às plantas, a saberes de plantio e de cuidado com os alimentos; uma alimentação mais saudável, que valorize os pequenos produtores, que possui uma medicina voltada ao

cuidado integral, que olhe as pessoas como um todo e olhe também os aspectos que permeiam sua vida. E me vejo no meio de tudo isso como parte da organização desses espaços de cuidado, que incentiva e orienta o diálogo.”

Angélica de Aguiar Tozzo, participante do curso comida | justiça | cooperação e membro do coletivo VivaBike

“Para a cidade do futuro:

Que você seja mais aberta pras pessoas: que andar de um canto pro outro não dependa do dinheiro do meu bolso pra pagar uma passagem, não dependa de contornar buraco na calçada, não dependa do medo da chuva e de ficar ilhada.

Que você seja mais verde e menos cinza: agrida menos meus olhos e meu nariz e me deixe respirar sem medo.

Que você olhe para todos os corpos: que eles te achem receptiva para acolhê-los. E, por fim, que você tenha deixado a gente pensar seu futuro desde agora, e que apesar de difícil, se sinta melhor com as mudanças por vir.”

Barbara Montalva, participante do curso comida | justiça | cooperação

agradecimentos e ficha técnica

Gostaríamos de agradecer a todas e todos que fizeram o ECOCIDADE possível. Que tenha sido um caminho de aprendizado e também uma luz que ilumina caminhos que são possíveis de construir coletivamente.

correalização

Espaço Cultural Jardim Damasceno, Horta Saberes Ambientais, Viva Bike, Aromeiazero, CADES Brasilândia, PAVS, ETEC Paulistano, UMAPAZ, Universidade São Camilo, Escola da Cidade, UNIFESP, SEBRAE ZN, Rumos Sustentabilidade, Cadico Minhocas, Favela Orgânica, IAUUSP, Giro Sustentável, Livres, Cozinha 9 de Julho, Pertinho de Casa, Terra e Liberdade, Comuna da Terra Irmã Assentamento MST, Autonomia ZN, Batatas Jardineiras, Prato Verde Sustentável, Quilombo da Parada, Escola Viveiro União, Movimento Ousadia Popular, Doces Talentos, Cataki, Ecobairro Vila Ida, Jataí e Beatriz, Pé de Feijão, Molecoola, Composta Cultiva, Favela da Paz, FUA, Subprefeitura da Freguesia do Ó, Virassol, Instituto Center Norte

conselheiros

Tatjana Lorenz, Fernando de Mello Franco, Nathalie Badaoui, Mike Oliveira, Renato Cymbalista, Carolina Guimarães, André Biazotti, Walter de Simoni, Manuela Colombo

agradecimentos e ficha técnica

parceiros

Noemia de Oliveira Mendonça, Antonia Jairis de Morais Sousa, Raimunda Marilha Xavier, Nivalda Cardoso Aragues Lima, Pauliana da Silva Ferreira, Joscelia Silva Santos de Andrade, Angélica de Aguiar Tozzo, Felipe Aparecido de Paula, Nicollas José, Bruno Batista, Camilla Jeric Daminello, Daniela Prioli

colaboradores

Camila Sawaia, Lina Yule, Beatriz Justo, Marcia Moura, Yumi Gosso, Camila Komakome, Maytê Coelho, David da Silva, Luís Felipe Abbud, Fernanda Tosta, Fabian Alonso, Alexandre Ribeiro, Barão Flávio Di Sarno, Guilherme Gambier, Clayton João da Silva, André Gimael, Andrea Muner, Luisa Oliveira, Carlota Mingolla, Quintino Vianna, Flávia Fernandes, Egeu Esteves, Alan, Edouard Fraipont, Guilherme Prado, Julia Ximenes, Lucas Ciola, Daniela Teofilo, Paolo Vieira, Elizabete Chapina, Ilka Vercellino, Jurucê Borovac, Mariana Marchesi, Wagner Ramalho, Sirlene Santos, André Carlos de Souza, Vilma Martins, José Antônio Teixeira, Juliana Gonçalves, Fábio Ivo, Thais Mauad, Marina Ferreira, Rodrigo Jobim Roessler, Victor Argentino de M. Vieira, Ernesto Cruz, Samanta Biotti, Fábio Miranda, Lia Godoy, Maria Augusta Bueno, Bispo Catador, Lara Zago, Cadu Ronca, Murilo Casagrande, Maeve Rotirola, Luis Biriguas, Bárbara Junqueira, Adriano Sampaio, Hugo Borges, Mateus Batista, Manoel Fabrício Trindade, Jorge Samuel Nicolau, Ricardo Thaler, Lucas Ciolla

participantes

Aleandra Feminino Cabral, Ana Luiza de Souza Angelo, Angélica de Aguiar Tozzo, Antonia Jairis de Moraes Sousa, Bárbara Helena da Silva Montalva, Beatriz Bito de Souza, Beatriz Mega, Bella Torquato, Bruna Macedo, Bruno Batista, Dedé Souza Deyse, Elaine Gomes de Melo, Elisete Oliveira, Estella Ciochetti, Evelin Moraes Purcini, Everson Andrade da Silva, Fábio Lol, Geovana Moraes dos Santos, Hilda Carolina dos Santos, Jair Araújo Joana RBS, Joscélia Silva Santos de Andrade, Luiz Carlos da Silva, Nivalda Cardoso Aragues Lima, Raimunda Marilha Xavier, Noemia de Oliveira Mendonça, Quintino José Viana, Rachel Teles dos Santos, Selma Alves de Oliveira Silva, Suzi Maria Ferreira dos Santos, Tamires Pereira Porto, Vitória Santos Barros Feitoza, Jair Araujo, Leandro Artevir, Gabriel Dias, Gabriel Moreira, Juatan Oliveira, Vitor Manoel Silva

consultores

Caio Vassão, Caio Szymanski, Fernanda Maschietto, Lorena Portela, Ligia Vasconcelos, Renata Borrout

agradecimentos e ficha técnica



São Paulo, 2022

A Cidade Press é o selo de publicações
do **Instituto A Cidade Precisa de Você**



Esta licença permite que outros copiem, distribuam, exibam, executem a obra e façam trabalhos derivados dela, desde que seja atribuído o devido crédito e as novas criações sejam licenciadas sob termos idênticos. Todos os trabalhos novos baseados neste devem ter a mesma licença.



A **CIDADE**
PRECISA
DE **VOCÊ**